



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DEISY CRISTINA SANTANA PACCA

**PRÁTICAS PARENTAIS E APEGO:
REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA**

Londrina
2019

DEISY CRISTINA SANTANA PACCA

**PRÁTICAS PARENTAIS E APEGO:
REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestra em Análise do Comportamento.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Márcia Cristina Caserta Gon.

Londrina
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração
AUTOMÁTICA DO SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UEL

Pacca, Deisy Cristina Santana.

Práticas parentais e apego: revisão integrativa de literatura / Deisy Cristina
Santana Pacca. - Londrina, 2019.
74 f.: il.

Orientador: Márcia Cristina Caserta Gon.

Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de
Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do
Comportamento, 2019.

Inclui bibliografia.

1. Parentalidade - Tese. 2. Responsividade - Tese. 3. Comportamento infantil - Tese. 4.
Estilos parentais - Tese. I. Gon, Márcia Cristina Caserta. II. Universidade Estadual de
Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do
Comportamento. III. TÍTULO.

DEISY CRISTINA SANTANA PACCA

PRÁTICAS PARENTAIS E APEGO:
REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestra em Análise do Comportamento.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Cristina Caserta
Gon
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Silvia Aparecida Fornazari
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Marília Bazan Blanco
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Londrina, 03 de abril de 2019.

Dedico este trabalho à minha mãe, que a despeito de todos os livros e artigos que li, é o meu maior exemplo de parentalidade positiva, afetuosa, empática e respeitosa.

AGRADECIMENTOS

Esse foi sem dúvidas o tópico mais idealizado de toda a minha dissertação. Desde quando vi meu nome na lista dos aprovados, quando eu ainda não sabia o que queria fazer, eu sabia que tinha muitos a quem agradecer. Me imaginava escrevendo os agradecimentos com a satisfação de estar encerrando um ciclo tão almejado. A minha lista de pessoas a agradecer é grande, mas o sentimento de gratidão que não consigo expressar em palavras é ainda maior.

Agradeço imensamente à minha querida orientadora, Dr^a. Márcia Gon pelos ensinamentos, pelas preciosas contribuições e principalmente pelo colo que tantas vezes me ofereceu. *Você tem o que eu chamo de práticas “orientadoras” positivas, rrsrrs, você me deu a autonomia para que pudesse trilhar meu caminho e os limites necessários para que eu não me perdesse nele. Você me ensinou muito mais do que fazer pesquisa, sua forma assertiva e respeitosa de lidar com as situações é um modelo que levo para minha vida.*

Ao meu companheiro, Junior, pelo apoio incondicional, pela motivação, pela escuta, por ser a pessoa que me eleva e me diz que vou conseguir. *Você tem a incrível capacidade de tornar os momentos difíceis mais fáceis, sempre, sua força é meu porto seguro.*

Aos meus pais, Marli e Daniel, que embora não tenham tido a oportunidade de estudar, me ensinaram o valor do estudo e confiaram na minha capacidade de chegar mais longe por meio dele.

Ao meu filho, Raul, por ser a criança mais maravilhosa que eu conheço e por me mostrar todos os dias o quanto práticas parentais positivas beneficiam o desenvolvimento sociemocional dos filhos. *Apesar da tenra idade, você é gentil, empático, generoso, respeitoso, afetuoso, assertivo e justo. As pessoas acham que sou eu que ensino você, mas a verdade é que você me ensina.*

À minha sogra, Vera e ao meu sogro, Osmar, por cuidarem do meu filho de forma tão amorosa durante o tempo que me ausentei para cumprir os créditos do mestrado. As horas longe do Raul, que na época ainda era amamentado, nunca foram difíceis porque eu tinha a absoluta certeza que ele estava sendo bem cuidado e que nossas escolhas parentais estavam sendo respeitadas.

Às minhas amigas e amigos por compreenderem minha ausência e principalmente pelos momentos descontraídos de risadas. São muitos os momentos de estresse e tensão no percurso do mestrado, portanto, se distrair com as amigas é uma

necessidade.

À minha terapeuta, Annie Wielewicki, por ter me feito olhar para mim e priorizar às minhas necessidades possibilitando que esse projeto fosse além do mestrado.

Ao meu gato, Bohr, isso mesmo, ao meu gato, rrsrs, pois ninguém esteve tão literalmente ao meu lado quanto ele. Foram muitos dias e noites sentada em frente ao computador e não teve uma só vez que ele não sentou comigo e permaneceu o tempo todo ao meu lado. No silêncio da madrugada, muitas vezes, olhei para o computador duvidando da minha capacidade, nesse momentos ele olhava para mim e eu sentia como se ele me dissesse “nem pense em desistir”.

Às mulheres incríveis que tive oportunidade de conhecer no mestrado, Beatriz, Greyce, Giuliana, Marcela, Mariana e Stefanny, mulheres que fazem ciência e que acreditam na ciência do comportamento como instrumento de transformação social. *Obrigada pelos debates, pela rede apoio e por todo aprendizado que vocês me proporcionaram.*

Às professoras e professores do mestrado pelos ensinamentos, pela dedicação e pelo compromisso com a produção de conhecimento científico apesar de todas as dificuldades que enfrentamos ao fazer ciência no atual cenário brasileiro.

À prof^a. Dr^a Marília Bazan e à prof^a. Dr^a Silvia Fornazari que gentilmente aceitaram participar da minha banca de desefa.

Ao professor Dr. Alex Galo e novamente à prof^a. Dr^a Silvia Fornazari pelas valiosas considerações na minha banca de qualificação que acrescentaram imensamente ao meu trabalho.

À prof^a. Dr^a. Maria Rita Zoega e à prof^a Dr^a. Silvia Murari pelas críticas construtivas realizadas na minha banca de projeto que aprimoraram o meu olhar.

À secretária Inês pela eficiência e prestatividade.

À todas as servidoras e servidores operacionais da universidade que anonimamente dão condições para que toda a UEL aconteça.

À todas as pessoas que demonstraram apoio perguntando e escutando sobre as dificuldades e as alegrias do mestrado.

Muito obrigada!

Não é nossa função endurecer nossos filhos para que eles possam encarar um mundo cruel e sem coração. Nossa função é criar filhos que farão do mundo um lugar um pouco menos cruel e com mais coração.

L. R. Knost

PACCA, Deisy Cristina Santana. **Práticas Parentais e apego**: revisão integrativa de literatura. 2019. 74 f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2019.

RESUMO

Apego é um conceito utilizado na Psicologia do Desenvolvimento para explicar o vínculo entre mãe e filho nos primeiros anos de vida e como esse afeta o desenvolvimento emocional do bebê, é um comportamento filogeneticamente selecionado que se modifica na sua relação com o ambiente, sofrendo, portanto, ação da ontogênese. A família é o ambiente social primário da maioria dos indivíduos, por isso a interação entre os membros é fundamental para o desenvolvimento do repertório comportamental da criança da criança, inclusive para a manutenção do apego. Sobre essa relação entre pais e filhos a literatura traz os estilos parentais: autoritativo, autoritário e permissivo, destaca também práticas parentais como monitoria positiva, comportamento moral, monitoria negativa, disciplina relaxada, negligência, abuso físico e punição inconsistente. O objetivo do presente trabalho foi examinar qual a relação entre práticas parentais e apego e as possíveis consequências sobre o desenvolvimento socioemocional dos filhos. Para alcançar os objetivos propostos optou-se pela revisão sistemática integrativa da literatura. As palavras chaves usadas para buscar os artigos foram *parenting practices* e *attachment*. Os critérios de inclusão foram: a) artigos de pesquisa publicados em periódicos; b) em língua portuguesa, inglesa ou espanhola; c) da área da Psicologia; d) publicados entre os anos de 2013 e 2018. Os critérios de exclusão foram: a) estudos teóricos/conceituais; b) participantes com desenvolvimento atípico; c) crianças institucionalizadas ou adotadas. A busca resultou em treze artigos oriundos de quatro continentes. A maior parte dos estudos selecionados concluiu que práticas parentais positivas influenciam o apego seguro e estão relacionadas a melhor desenvolvimento socioemocional da criança e do adolescente. Por sua vez, as práticas negativas estão relacionadas a baixa qualidade do apego e problemas de comportamento. Dessa forma, conclui-se que profissionais de psicologia devem focar sua intervenção com pais e filhos na promoção de práticas parentais positivas e promoção de um apego seguro.

Palavras-chave: Parentalidade. Responsividade. Comportamento infantil. Apego. Estilos Parentais. Práticas parentais.

PACCA, Deisy Cristina Santana. **Parental Practices and attachment: integrative literature review**. 2019. 74 p. Dissertation (Master's Degree in Behavior Analysis) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2019.

ABSTRACT

Attachment is a concept used in Developmental Psychology to explain the bond between mother and child in the first years of life and how it affects the emotional development of the baby, is a phylogenetically selected behavior that changes in relation to the environment, suffering, therefore, ontogenesis action. The family is the primary social environment of most individuals, so interaction among members is critical to the development of the child's behavioral repertoire, including the maintenance of attachment. On this relationship between parents and children, literature brings parenting styles: authoritarian, authoritative, and permissive; it also highlights parental practices such as positive monitoring, moral behavior, negative monitoring, relaxed discipline, neglect, physical abuse, and inconsistent punishment. The aim of the present study was to examine the relationship between parental practices and attachment and the possible consequences on the socioemotional development of the children. In order to reach the proposed objectives, we opted for systematically integrative literature review. The keywords used to search for articles were parenting practices and attachment. The inclusion criteria were: a) research articles published in periodicals; b) in Portuguese, English or Spanish; c) Psychology area; d) published between the years of 2013 and 2018. The exclusion criteria were: a) theoretical / conceptual studies; b) participants with atypical development; c) institutionalized or adopted children. The search resulted in thirteen articles from four continents. Most of the studies selected have concluded that positive parenting practices influence safe attachment and are related to improved socioemotional development of the child and adolescent. In turn, negative practices are related to poor quality of attachment and behavior problems. Thus, it is concluded that psychology professionals should focus their intervention with parents and children in promoting positive parenting practices and promoting a secure attachment.

Keywords: Parenting. Responsiveness. Child behaviour. Attachment. Parenting Styles. Parenting practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Quadro: Descrição dos Objetivos e Principais Resultados dos Artigos Selecionados | 37 |
|---|----|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------|--|
| CBCL | Child Behavior Checklist |
| MALS | Myself-As-Learner Scale |
| PICT | Parent-Child Interaction Therapy |
| SDQ | Strengths and Difficulties Questionnaire |
| UEL | Universidade Estadual de Londrina |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|-----------|
| 1. | Introdução | 13 |
| 1.1 | Análise do Comportamento e Apego..... | 14 |
| 1.2 | Estilos Parentais..... | 17 |
| 1.3 | Práticas Parentais | 19 |
| 1.4 | Práticas Parentais e Apego | 20 |
| | | |
| 2 | Objetivo | 23 |
| 2.1 | Objetivo Geral..... | 23 |
| 2.2 | Objetivos Específicos | 23 |
| | | |
| 3 | Método | 23 |
| 3.1 | Delineamento..... | 23 |
| 3.2 | Formulação Do Problema | 24 |
| 3.3 | Palavras-Chave | 24 |
| 3.4 | Banco de Dados | 25 |
| 3.5 | Critérios de Inclusão e Exclusão | 25 |
| 3.6 | Busca de Artigos | 26 |
| | | |
| 4 | Resultados..... | 27 |
| 4.1 | Caracterização Geral..... | 27 |
| 4.4.1 | Países onde foram realizadas as pesquisas | 27 |
| 4.1.2 | Participantes..... | 28 |
| 4.1.3 | Local de Recrutamento | 29 |
| 4.1.4 | Tamanho das Amostras..... | 29 |
| 4.1.5 | Delineamento Utilizado | 30 |
| 4.1.6 | Quantidade de Instrumentos | 30 |
| 4.2 | Descrição dos Artigos | 32 |
| | | |
| 5 | Discussão..... | 38 |
| | | |
| 6 | Conclusões | 45 |

| | |
|---|----|
| Referências | 47 |
| APÊNDICES | 56 |
| Apêndice A – Catalogação das principais informações dos artigos selecionados | 57 |
| Apêndice B – Lista dos instrumentos utilizados nas pesquisas dos artigos selecionados | 72 |

1. Introdução

Apego é um conceito utilizado na Psicologia do Desenvolvimento para explicar o vínculo entre mãe e filho nos primeiros anos de vida e como esse afeta o desenvolvimento emocional do bebê. Em sua trilogia *Apego e Perda*, John Bowlby (1979/1997) diz que o apego é um tipo de vínculo no qual o senso de segurança do bebê está diretamente ligado à figura de apego, a qual, invariavelmente, é também o cuidador principal. No relacionamento com a figura de apego o bebê experimenta uma sensação de segurança e conforto que serve como uma base segura para ele explorar o ambiente (Ramires & Schneider, 2010).

Para Bowlby (1969/1984) apego é um tipo de vínculo estabelecido entre o bebê e a figura de apego, comumente a mãe e com finalidade de manter a proximidade dessa, garantindo a sobrevivência do indivíduo e da espécie, portanto, tem base filogenética, mas possui características ontogenéticas uma vez que se desenvolve a partir da interação do bebê com seu principal cuidador. De acordo com o autor, as principais influências na construção da essa interação seriam as características temperamentais inatas da criança e suas experiências individuais além da história de aprendizagem dos pais (Bowlby, 1984/1969).

Por sua vez, o autor define os comportamentos de apego como a mobilização expressivo-motora pela qual se consegue essa proximidade, sendo eles: sorrir, fazer contato visual, tocar, chorar, agarrar-se, balbuciar, chamar e posteriormente mover-se em direção à figura materna (Bowlby, 1984/1969). Ainda segundo Bowlby (1969/1984) os comportamentos de apego do bebê também podem ser explicados pela sua função ou finalidade, que segundo ele, seriam a de manter o bebê próximo à mãe/cuidador primário pois isso lhe garantiria segurança e conseqüente sobrevivência. No entanto, para o Behaviorismo Radical, a função de um comportamento não está relacionada a uma finalidade (Skinner, 1981). Assim, o bebê não se comporta em relação a sua mãe/cuidador primário com a

“finalidade de”. O comportamento de apego do bebê poderia ser explicado pela compreensão das relações existentes entre a filogênese e a ontogênese, que diz respeito às interações do bebê com seu meio, incluído aí ele próprio e a mãe, desde antes do nascimento (Catania, 1999).

1.1 Análise do Comportamento e Apego

A Análise do Comportamento não apresenta uma teoria sobre desenvolvimento infantil (Bettio & Laurenti, 2016). O próprio termo desenvolvimento é questionado por Skinner (1968), visto que literalmente significa desdobramento, crescimento. Para ele, portanto, o termo deve ser empregado como uma metáfora para descrever as mudanças maturacionais e regulares que ocorrem ao longo da vida de um indivíduo. O autor recomenda cautela no uso do termo, pois essa metáfora dá margem à interpretação de que pode haver variáveis exclusivamente internas na determinação do comportamento, o que contradiz diretamente o Behaviorismo Radical.

Bijou e Baer (1980) dedicaram a estudar o desenvolvimento infantil sob a ótica comportamental. Para os autores “a interação recíproca entre um indivíduo e seu meio começa na concepção e continua até a morte. A mudança progressiva nas interações das crianças com seu meio é o seu desenvolvimento psicológico, dependendo das circunstâncias específicas no passado e presente” (p.31). A respeito dessas circunstâncias específicas os autores se referem às variáveis filogenéticas e ontogenéticas.

Dessa forma, desde o início da vida se estabelecem relações entre o comportamento do bebê e o de seus cuidadores (Bijou & Baer, 1980; Skinner, 1953/2003). É nessa relação que ocorreria a discriminação de estímulos que precedem a emissão dos comportamentos de apego do bebê. Portanto, a responsividade (velocidade de resposta do cuidador ao choro do bebê, assertividade no atendimento às necessidades do bebê, tom de voz, expressões faciais,

etc.) são estímulos para determinados comportamentos do bebê como sorrir, balbuciar, chorar, sugar, agarrar, mover-se em relação à figura de apego (Henrique, 2016). Sendo assim, o comportamento da figura de apego é ambiente na relação com a criança assim como o comportamento da criança é ambiente para a figura de apego, de modo que ambas influenciam a probabilidade de ocorrência de respostas uma da outra.

Henrique (2016) buscou fazer uma leitura do conceito de apego formulado por Bowlby por meio da ótica da análise do comportamento e destacou:

Sob a perspectiva analítico-comportamental, o desenvolvimento do apego, enquanto um fenômeno psicológico, se daria a partir de comportamentos e características selecionados pela história filogenética do organismo, dentre os quais se destaca a sensibilidade às consequências das respostas emitidas por ele e a partir dessa sensibilidade, em sua história ontogenética, seus comportamentos são selecionados pelo seu ambiente físico e social. O ambiente do bebê, que seleciona muitas de suas respostas aumentando ou diminuindo a probabilidade de sua ocorrência, envolve o comportamento materno, enquanto o ambiente da mãe envolve o comportamento da criança.

Para Skinner (1981) o comportamento está sujeito à seleção pelas consequências, portanto, o apego, assim como qualquer outro comportamento operante sofre influências filogenéticas, ontogenéticas e culturais. Sendo um comportamento modelado a partir das interações entre cuidadores e crianças ele pode sofrer modificações e se manter durante toda a vida do indivíduo na medida em que é reforçado. Portanto, o comportamento de apego embora seja modelado na mais tenra infância ele não se restringe a esse período.

Embora as investigações iniciais de Bowlby (1969/1983) sobre comportamento de apego tenham se focado nos primeiros anos de vida, recentemente, alguns pesquisadores estenderam seus estudos para outras fases do desenvolvimento, reconhecendo a necessidade de avaliar o apego durante a segunda infância e a adolescência (Karavasilis, Doyle, &

Markiewicz, 2003; Kerns, Aspelmeier, Gentzler, & Grabill, 2001; Simões, Farate, Soares, & Duarte, 2013).

Na medida em que a criança cresce e se desenvolve ela se torna cada vez menos dependente física e emocionalmente de seus cuidadores, resultando numa constante necessidade de mudança nas interações pais e filhos, afim de que sejam estabelecidos os limites e a autonomia necessários de acordo com a idade da criança. A percepção e a supressão dessas necessidades são possíveis por meio de práticas parentais adequadas (Alvarenga, Weber, & Bolsoni-Silva, 2016)

O apego ocorre na relação entre a criança e os principais cuidadores, geralmente, os pais, portanto, está diretamente ligado ao investimento parental, pois é a partir dos comportamentos do bebê e da forma como os pais os consequenciam é que se forma o vínculo (Toni, Salvo, Marins, & Weber, 2004).

Desta forma, ao estudar apego é imprescindível olhar para a relação que a família estabelece com o bebê e, posteriormente, com a criança e o adolescente, por meio das práticas parentais. Com o passar do tempo, apesar da necessidade de proporcionar autonomia e do consequente declínio na dependência dos pais, a disponibilidade dos pais permanece sendo fundamental para a manutenção do apego até a adolescência, sendo esse vínculo importante por toda a vida.

A família é o ambiente social primário da maioria dos indivíduos, por isso a interação entre os membros é fundamental para o desenvolvimento do repertório comportamental da criança (Souza & Tacla, 2015). No ambiente familiar, independente de sua configuração¹, o indivíduo é preparado para se relacionar com a sociedade por meio de regras, reforço e

¹É importante ressaltar que família não se refere apenas ao modelo familiar tradicional, se refere a todos os modelos de família, inclusive as famílias em que as crianças não são cuidadas pelos pais, mas sim por outras pessoas da família. No presente trabalho não será abordado apego em crianças institucionalizadas ou adotadas, pois devido à complexidade do contexto faz-se necessário um estudo exclusivamente sobre esse assunto.

punição aplicados pela família. Por sua vez, a família está inserida dentro de uma cultura. Embasada nas regras e critérios estabelecidos por essa cultura, a família modela o comportamento de seus membros (Banaco & Martone, 2001).

1.2 Estilos Parentais

Baumrind (1966) chamou a maneira como os pais educam seus filhos de estilos parentais e os categorizou em três tipos que são: autoritário, permissivo e autoritativo. Pais com estilo autoritário modelam e controlam o comportamento dos filhos mediante regras rígidas estabelecidas por eles sem a participação dos filhos. O descumprimento dessas regras gera punição, algumas vezes, física. Cuidadores com esse estilo priorizam a obediência, restringem a autonomia e desconsideram o ponto de vista da criança (Cardoso & Veríssimo, 2013).

O estilo permissivo caracteriza-se pela ausência de regras e pelo reforçamento positivo contínuo, os pais comportam-se de maneira não punitiva e receptiva diante de quaisquer desejos e ações dos filhos (Weber, Prado, Viezzer, & Brandenburg, 2004). O estilo parental permissivo foi desmembrado por Maccoby e Martin (1983) em dois subtipos que são: indulgente e negligente. Pais indulgentes são afetuosos, mas não são exigentes. Por sua vez, pais negligentes não são afetuosos, nem tão pouco exigentes, tendem a se esquivar da responsabilidade em modelar e controlar o comportamento dos filhos.

O estilo autoritativo caracteriza-se por pais empáticos que buscam olhar para as atividades cotidianas sob o ponto de vista da criança e direcioná-la por meio de reforço positivo, os comportamentos inadequados são vistos como oportunidade de aprendizagem e não como ações passíveis de castigo. Pais com esse estilo respeitam e acolhem a fala da criança, utilizam regras claras, dão modelos de comportamentos adequados aos filhos e buscam lhes proporcionar autonomia e afeto (Cardoso & Veríssimo, 2013).

A partir desses conceitos foram realizados diversos estudos relacionando os diferentes impactos dos estilos parentais no desenvolvimento humano (Ang, 2006; Argyriou, Bakoyannis, & Tantaros, 2016; Dwairy, 2008; Padovani & Williams, 2011; Pereira, Canavarro, Cardoso, & Mendonça, 2009; Rodriguez, Donovanick, & Crowley, 2009).

Um estudo realizado por Meteyer & Perry-Jenkins (2009) teve como objetivo avaliar se o estilo parental de ambos os pais se relacionam com comportamentos externalizantes em crianças com idades entre 6 e 7 anos. O estudo foi realizado nos Estados Unidos com 85 famílias biparentais de classe média. Os pesquisadores concluíram que o estilo autoritativo de ambos os pais ou de somente um dos pais está associado à baixos níveis de problemas comportamentais, como agressividade e ansiedade. Por sua vez, ter os dois pais com estilos parentais pouco afetuosos como o autoritário ou o negligente está associado à altas taxas de problemas comportamentais.

Sangawi, Adams e Reissland (2016) realizaram uma pesquisa com o objetivo de determinar os efeitos diretos e indiretos dos estilos parentais em crianças com problemas de comportamento oriundas de uma cultura oriental. Além de examinar se o autoconceito acadêmico serve como um mediador adequado para relacionar estilos parentais e problemas de comportamento. O estudo foi realizado no Iraque na região do Curdistão e teve a participação de 225 crianças com idades entre 11 e 12 anos. Os pesquisadores concluíram que o estilo parental tem papel fundamental no desenvolvimento da criança. Os filhos de pais autoritativos tinham um alto nível de autoconceito acadêmico e baixo nível de problemas de comportamento. Enquanto os filhos de pais autoritários e permissivos tinham alto nível de problemas comportamentais.

1.3 Práticas Parentais

Um aspecto da interação entre pais e filhos presente na literatura, relacionada aos estilos parentais, são as práticas educativas parentais ou práticas parentais (Gomide, Salvo, Pinheiro, & Sabbag, 2005; Nunes, Faraco, & Vieira, 2013). Segundo Weber e Cunha (2006), as práticas parentais constituem os comportamentos dos pais reforçados por modificações produzidas no comportamento de seus filhos, elas se referem às estratégias utilizadas pelos pais para atingirem objetivos específicos em determinados contextos como acadêmico, social, afetivo, etc. Enquanto os estilos parentais são uma classe de respostas mais ampla, referem-se a um padrão global de características da interação dos pais com os filhos que geram um clima emocional na relação (Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003).

Em 2006, Paula Gomide, selecionou sete práticas educativas parentais que compõem o estilo parental. Dessas sete práticas, cinco são consideradas práticas negativas e estão relacionadas à comportamentos antissociais (i.e., negligência, punição inconsistente, monitoria negativa, disciplina relaxada e abuso físico). As outras duas são consideradas práticas positivas e estão relacionadas à comportamentos pró-sociais (i.e., monitoria positiva e comportamento moral) (Sampaio & Gomide, 2007).

Segundo Gomide (2006), a monitoria positiva está relacionada à atenção e conhecimentos dos pais sobre onde o filho se encontra e sobre suas atividades, envolve também demonstrações de afeto dos pais, principalmente, em momentos de maior necessidade do filho. O comportamento moral é a prática educativa pela qual os pais transmitem valores como honestidade, senso de justiça, generosidade, auxiliando os filhos na discriminação do que é certo e errado. A negligência está presente quando os pais não assumem a responsabilidade pela educação dos filhos, além de agirem sem afeto e sem demonstrar amor. A punição inconsistente ocorre quando os pais consequenciam o comportamento dos filhos de acordo com seu próprio humor e não de acordo com o

comportamento da criança. Assim podem acabar punindo comportamentos adequados e reforçando comportamentos inadequados. A monitoria negativa é caracterizada pelo excesso de fiscalização dos pais sobre a vida dos filhos e pela grande quantidade de instruções repetitivas que não são seguidas pelos filhos causando um ambiente familiar estressante, hostil e com pouco diálogo. A disciplina relaxada ocorre quando os pais impõem uma regra e ameaçam uma consequência diante de seu descumprimento. Entretanto, quando a regra não é cumprida de fato, os pais se omitem não aplicando as consequências que eles mesmo determinaram. Por último, temos o abuso físico, o qual ocorre quando os pais machucam ou causam dor aos seus filhos com a justificativa de estarem educando.

De forma geral, tanto pesquisas internacionais quanto pesquisas brasileiras (Ang, 2006; Dwairy, 2008; Meteyer & Perry-Jenkins, 2009; Nunes, Faraco, & Vieira, 2013) concluem que práticas parentais positivas, as quais valorizam a empatia, o diálogo, estabelece limites de forma adequada e proporcionam afeto estão relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos adequados nas crianças como autonomia, respeito aos limites estabelecidos, empatia, etc.

1.4 Práticas Parentais e Apego

Além do desenvolvimento de comportamentos adequados, as práticas parentais positivas também estão relacionadas à qualidade do vínculo entre pais e filhos (Cardoso & Veríssimo, 2013; Gelkopf & Jabotaro, 2013; Karavasilis, Doyle, & Markiewicz, 2003; Nunes, Faraco, & Vieira, 2013). Em 1978, a psicóloga Mary Ainsworth apresentou evidências de que a forma como a criança desenvolve o apego é bastante influenciada pelo modo como o cuidador primário interage com ela, resultando em diferentes tipos de apego (Dalbem & Dell'Aglio, 2005).

Em seus estudos Ainsworth et al. (1978), definiram três tipos de apego que são: apego seguro, apego resistente ou ambivalente e apego evitativo ou inseguro. Crianças com apego seguro conseguem brincar e explorar o ambiente mesmo na ausência da mãe ou na presença de uma pessoa estranha. Crianças com apego resistente ou ambivalente apresentam reações de desconforto como chorar, gritar, vocalizar na presença de uma pessoa estranha e/ou na ausência da mãe. Crianças com apego evitativo ou inseguro interagem pouco com a mãe e ficam inibidas na presença de pessoas desconhecidas (Dalbem & Dell'Aglio, 2005).

As práticas parentais têm sido identificadas como a variável mais importante para o desenvolvimento socioemocional da criança (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; De Wolff & Ijzendoorn, 1997; Sroufe, 2002). O apego seguro tem sido associado ao estilo parental autoritativo, o qual é caracterizado pelo afeto, aceitação, empatia aos sentimentos da criança, responsividade às necessidades da criança e contingência na resposta aos seus comportamentos e promoção de práticas parentais positivas como encorajamento à autonomia e monitoria adequada (Karavasilis, Doyle, & Markiewicz, 2003; Mayseless, 2005; Sánchez, 2008). Por sua vez, o apego inseguro está associado à práticas parentais negativas como maior rejeição, negligência, baixa afetividade, baixa responsividade (Muris, Meesters, & Berg, 2003; Roelofs, Meesters, Huurne, Bamelis, & Muris, 2006; Benavente, Justo, & Veríssimo, 2009).

Tendo por base a noção de que os estilos e práticas parentais influenciam o comportamento de apego Herschell, Calzada, Eyberg e McNeil (2002) elaboram um programa de intervenção, denominado *Parent-Child Interaction Therapy* (PCIT), em língua portuguesa poderia ser traduzido de maneira literal como Terapia de Interação Pai/Mãe-Criança. O programa é destinado a atender famílias com crianças entre dois e seis anos com comportamentos externalizantes como, por exemplo, agressividade, impulsividade, hipertatividade, entre outros. O objetivo do programa era ensinar aos pais comportamentos

que favorecem o estabelecimento e a manutenção do apego como responder assertivamente à necessidade da criança, dar atenção, elogiar, escutar, colocar regra, aplicar consequências adequadas ao descumprimento de regras.

Segundo Herschell et al. (2002), os resultados da intervenção se mostraram bastante positivos tanto em relação ao comportamento de apego quanto em relação à diminuição de comportamentos inadequados das crianças. As crianças se comportaram de forma recíproca em relação aos comportamentos afetuosos dos pais, falavam de forma gentil e mantinham contato físico com abraços, mãos dadas, etc. Proporcionalmente, os níveis de agressividade, birras e desrespeito às regras diminuíram.

Considerando a importância das práticas parentais e do apego para o desenvolvimento social e emocional do ser humano é importante que os cuidadores busquem melhorar a qualidade da interação com seus tutelados adotando práticas parentais positivas, visto que os abusos físicos e verbais, a negligência e a disciplina inconsistente são ainda práticas comuns em muitos países, inclusive no Brasil, a despeito das leis de proteção infantil (Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e Adolescente, 2018).

A Análise do Comportamento possui referencial teórico e prático para capacitar cuidadores para utilizarem práticas parentais adequadas como o uso de reforçadores positivos frente ao comportamento adequado ao invés de punir o comportamento considerado inadequado. O estudo sobre práticas parentais e apego se mostra um vasto campo de pesquisa para a Ciência do Comportamento considerando o seu potencial de intervenção com a finalidade de melhorar as relações humanas sem o uso de ações coercitivas (Skinner, 1990).

2. Objetivo

2.1 Objetivo Geral

Examinar, por meio de uma revisão integrativa de literatura, as relações entre práticas parentais e apego e as possíveis consequências sobre o desenvolvimento socioemocional dos filhos.

2.2 Objetivos Específicos

- Realizar levantamento de literatura sobre práticas parentais e apego e interpretá-la sob a ótica do Behaviorismo Radical.
- Analisar as relações entre apego e o comportamento das crianças e adolescentes.
- Analisar as relações entre práticas parentais e o comportamento dos filhos.
- Analisar de que forma essas duas classes comportamentais – práticas parentais e apego – se relacionam na interação entre o cuidador e a criança / adolescente.

3. Método

3.1 Delineamento

Para alcançar os objetivos propostos optou-se pela revisão sistemática integrativa da literatura. A revisão integrativa é a mais ampla modalidade de revisão de literatura, pois contempla pesquisas com metodologias diversas possibilitando maior compreensão acerca de um fenômeno (Whittemore & Knalf, 2005).

Cooper (1989) apresenta cinco etapas para elaboração de uma revisão sistemática integrativa: formulação do problema, coleta de dados, avaliação dos dados coletados, análise e interpretação dos dados e apresentação dos resultados. As três últimas etapas serão

realizadas nas seções seguintes: resultados, discussão e conclusões. As duas primeiras serão abordadas a seguir.

3.2 Formulação do Problema

O problema é a questão que norteará a pesquisa, na qual a pesquisadora deve identificar o propósito da revisão de maneira clara e específica (Cooper, 1989). Para orientar essa pesquisa foi formulada a seguinte questão: como as relações entre práticas parentais e apego podem influenciar o desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes? A partir dessa pergunta deu-se início as etapas referentes a coletas de dados.

3.3 Palavras-chave

Para realizar a busca por artigos referentes ao tema é preciso estabelecer as palavras-chaves ou descritores. Os descritores são termos organizados em estruturas hierárquicas utilizados pelas bases de dados para indexar os artigos, enquanto, as palavras-chaves são definidas pelos autores e não obedecem nenhuma estrutura (Brandau, Monteiro, & Braile, 2005).

Embora as palavras chaves tenham mais variedade, em busca prévia sobre o assunto, realizada nos bancos de dados para a confecção do projeto de pesquisa, notou-se que utilizar as palavras *parenting practices* AND *attachment* no campo de busca denominado “todos os índices”, o resultado da pesquisa era uma demasiada variedade de artigos que tratavam a parentalidade e o apego de forma geral, sendo difícil encontrar estudos que relacionavam essas duas variáveis. Por esse motivo, optou-se por utilizar palavras chaves e não descritores usando o campo de busca *keywords* nas bases em que haviam essa possibilidade.

Em todas as bases de dados também se usou a variação *parental practices* AND *attachment*, mas os resultados foram praticamente os mesmos com um número um pouco menor sendo todos repetidos.

3.4 Banco de Dados

Os bancos de dados mais utilizados pela Psicologia são o IndexPsi, o Scielo, o qual conta com um grande acervo de publicações da América Latina e o PsycINFO (APA) o qual conta com grande parte do acervo de origem norte americana (Estados Unidos e Canadá).

Para a pesquisa não ficar restrita somente ao continente americano foram utilizados os bancos de dados Science Direct, Wiley Online Library e Springer Link, os quais contam com publicações dos cinco continentes.

3.5 Critérios de Inclusão e Exclusão

Os critérios de inclusão e exclusão foram escolhidos com base nos objetivos da pesquisa. Os critérios de inclusão foram: a) artigos de pesquisa publicados em periódicos; b) em língua portuguesa, inglesa ou espanhola; c) da área da Psicologia; d) publicados entre os anos de 2013 e 2018.

Assim como os critérios de inclusão, os critérios de exclusão também foram escolhidos considerando os objetivos. A princípio foram escolhidos os seguintes critérios de exclusão: a) estudos teóricos/conceituais, pois todos artigos teóricos encontrados eram de referencial psicanalítico ou humanista; b) participantes com desenvolvimento atípico, pois os critérios dessa pesquisa não contemplam as especificidades desses participantes; c) crianças institucionalizadas ou adotadas, pois essa condição exige um foco maior nas particularidades do contexto aos quais essas crianças estão envolvidas.

Entretanto, durante a busca percebeu-se que alguns artigos embora estivessem dentro dos critérios de inclusão e exclusão estavam fora dos objetivos propostos pela pesquisa, por exemplo, foi encontrado um alto número de artigos que, a despeito do uso das palavras chaves, contemplavam apenas um dos parâmetros da pesquisa, ou seja, tratavam somente de práticas parentais ou apego. Foram diversos artigos encontrados relacionando apenas um desses parâmetros a comportamentos específicos como uso de drogas, abuso sexual, práticas religiosas, qualidade do sono, entre outros.

Outra situação encontrada foram artigos que tratavam de apego em relacionamentos amorosos ou amizades, os quais chamamos de apego aos pares. E por fim, foram encontrados também artigos que tratavam sobre a transmissão intergeracional de práticas parentais e/ou apego. Esses últimos foram encontrados somente no Scielo, sendo que todos tinham origem latina.

3.6 Busca de Artigos

Após a definição da pergunta norteadora, palavras chaves, bancos de dados e critérios de inclusão e exclusão, foram encontrados 84 artigos, sendo 3 repetidos, totalizando 81 artigos. Aplicando-se os critérios de inclusão e exclusão elencados na seção 3.5, dos 81 artigos encontrados, foram recuperados 13 artigos e excluídos 68. Assim foi definido o conjunto final de artigos a serem analisados, sendo que todos os artigos recuperados estavam disponíveis na íntegra.

4. Resultados

Para uma melhor visualização e organização dos dados coletados durante a leitura dos artigos selecionados, a pesquisadora optou por catalogar as principais informações numa ficha elaborada por ela disponível no Apêndice A.

4.1 Caracterização Geral

Para uma caracterização geral dos artigos estudados, será apresentada uma descrição geral desses artigos com informações a respeito do país onde a pesquisa foi realizada, local de recrutamento, número de participantes, delineamento metodológico e instrumentos utilizados.

4.1.1 Países onde foram realizadas as pesquisas

Embora a amostra de artigos seja uma amostra pequena, é possível notar uma variedade de 09 países, distribuídos por 04 continentes. A maior parte das pesquisas foram realizadas na América, sendo que as três regiões, norte, central e sul estão presentes com estudos realizados nos Estados Unidos (23%), México (7,7%) e Brasil (7,7%). Por sua vez, há dois estudos realizados na China (15,4%), um realizado na Austrália (7,7%) e cinco oriundos da Europa, sendo dois de Portugal (15,4%) e o restante da Romênia, Espanha e Itália.

Tabela 1*Países onde foram realizadas as pesquisas dos artigos encontrados*

| País | Número de Artigos | Porcentagem (%) |
|----------------|--------------------------|------------------------|
| Estados Unidos | 03 | 23 |
| China | 02 | 15,4 |
| Portugal | 02 | 15,4 |
| Brasil | 01 | 7,7 |
| Romênia | 01 | 7,7 |
| México | 01 | 7,7 |
| Espanha | 01 | 7,7 |
| Austrália | 01 | 7,7 |
| Itália | 01 | 7,7 |
| Total | 13 | 100 |

4.1.2 Participantes.

As pesquisas variaram em relação ao tipo de participantes, na maior parte participaram a mãe e a criança (38,5%), em três participaram somente os adolescentes (23%), em duas participaram a mãe e o pai (15,4%), em outras duas participaram somente as mães (15,4%) e em uma participaram a mãe, o pai e a criança (7,7%).

Mesmo que em algumas pesquisas tenham participado somente a mãe ou os pais, em todas elas avaliou-se também o comportamento das crianças e/ou adolescentes, sendo que o período de desenvolvimento desses foi considerado. Não há na literatura uma única forma de divisão das fases de desenvolvimento, entretanto, a maior parte dos estudos adotam a definição de Papalia e Felmann (2013), na qual fases de desenvolvimento são divididas em primeira infância (0 a 3 anos), segunda infância (3 a 6 anos), terceira infância (6 a 11 anos) e adolescência (12 a 19 anos).

A maior parte das pesquisas estudadas neste trabalho foram relacionadas aos adolescentes (30,8%), três delas consideraram a segunda e terceira infância (23%), a terceira infância foi avaliada em dois estudos (15,4%), a terceira infância e adolescência foram avaliadas em outros dois estudos (15,4%), um estudo abordou somente a segunda infância (7,7%) e outro abordou a primeira infância (7,7%).

Tabela 2

Tipos dos participantes que fizeram parte da pesquisa

| Tipo de Participantes | Número de Artigos | Porcentagem (%) |
|------------------------------|--------------------------|------------------------|
| Mães e crianças | 05 | 38,5 |
| Somente os adolescentes | 03 | 23 |
| Mães e pais | 02 | 15,4 |
| Somente as mães | 02 | 15,4 |
| Mães, pais e crianças | 01 | 7,7 |
| Total | 13 | 100 |

4.1.3 Local de recrutamento.

A maioria dos estudos recrutaram os participantes na escola (53,8%), dois estudos não declararam onde foi realizado o recrutamento (15,4%), outros dois estudos, oriundos dos Estados unidos, utilizaram bancos de dados de pesquisas para realizar a seleção dos participantes (15,4%), uma pesquisa selecionou os participantes na clínica de Psicologia da universidade (7,7%) e outra pesquisa recrutou os participantes em três locais diferentes: escola, serviço social e clínicas de saúde mental (7,7%).

4.1.4 Tamanho das amostras.

O tamanho das amostras dos estudos selecionados neste trabalho variou bastante, porém, é possível notar que a maioria das pesquisas utilizou amostras com até 300

participantes, sendo três pesquisas com até 100 (23%), outras três com 100 a 200 participantes (23%) e duas com 200 a 300 participantes (15,4%). Por sua vez, houveram duas pesquisas que utilizaram amostras numerosas, uma delas contou com a participação de 1163 adolescentes (7,7%) e em outra participaram 4898 famílias (7,7%).

4.1.5 Delineamento utilizado.

A grande maioria dos estudos foram correlacionais, sendo que dez (76,9%) foram estudos transversais, dois (15,4%) foram longitudinais e um (7,7%) foi quase experimental randomizado.

4.1.6 Quantidade de instrumentos.

A maior parte das pesquisas (30,9%) utilizaram quatro instrumentos de avaliação, três (23%) utilizaram três instrumentos, outras três (23%) utilizaram cinco instrumentos, duas (15,4%) utilizaram dois instrumentos e uma (7,7%) utilizou seis instrumentos. No apêndice B constam os instrumentos utilizados nas pesquisas dos artigos selecionados.

Todas as pesquisas relacionaram, no mínimo, duas variáveis: apego e práticas parentais. Todavia, a maior parte delas incluiu também outras variáveis relacionadas ao comportamento dos pais ou dos filhos, algumas delas inclui também aspectos relacionados ao perfil socioeconômico e a comunidade. Ao todo, as pesquisas utilizaram 51 instrumentos, sendo que dentro desse número, alguns instrumentos se repetem.

Considerando a finalidade desses instrumentos, verificou-se que 14 (28%) foram utilizados para avaliar as práticas parentais, 13 (26%) avaliaram o apego, 12 (24%) foram utilizados para avaliar outros aspectos do comportamento da criança como, por exemplo, ansiedade, externalização, internalização, etc., 09 (18%) foram utilizados para avaliar outros aspectos do comportamento dos pais como estresse, depressão, ansiedade, etc. Em menor quantidade, algumas pesquisas também utilizaram instrumentos para avaliar o perfil

socioeconomico da família (2%), satisfação dos pais com o programa de intervenção (2%) e avaliação de risco da comunidade (2%).

A maior parte dos instrumentos que avaliam as práticas parentais foram respondidos pelos próprios pais com exceção das pesquisas em que apenas os adolescentes participaram (Gómez-Ortiz, Del Rey, Romera, & Ortega-Ruiz, 2015; Mothander & Wang, 2014; Gao, Atkinson-Sheppard, & Liu, 2017), pois nessas foram os adolescentes que utilizaram os instrumentos para classificar as práticas parentais de seus pais e da pesquisa realizada por Cyr, Pasalich, McMahon e Spieker (2014), a qual utilizou um procedimento de filmagem para avaliar as práticas parentais.

Quase todos os instrumentos eram compostos por declarações e o participante precisava colocar sua concordância ou discordância com a declaração em uma escala Likert, com exceção de uma única pesquisa (Cyr, Pasalich, McMahon, & Spieker, 2014), a qual utilizou o The Parent-Child Interaction Task (PACT) (Eyberg & Robinson, 1983), esse procedimento consiste na avaliação observacional de um momento entre a criança e o adulto.

O Procedimento de Situação Estranha (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978) e o The Inventory of Parental and Peer Attachment (Armsden & Greenberg, 1987) foram os instrumentos mais usados, tendo sido cada um deles utilizados em duas pesquisas.

A maior parte dos instrumentos usados para avaliar o apego utilizaram escala likert, entretanto, o Procedimento de Situação Estranha (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978) e a Entrevista semiestruturada (Infante & Martínez, 2016) utilizam formas qualitativas de avaliação.

Tendo em vista que as interações entre práticas parentais e o apego estão sujeitas à outras variáveis relacionadas ao comportamento dos pais ou das crianças, a maior parte das pesquisas utilizou instrumentos para avaliar também a presença de algumas dessas variáveis. Ao todo foram utilizados 13 instrumentos para avaliar variáveis relacionadas ao

comportamento das crianças e/ou adolescentes. O instrumento mais utilizado foi o Child Behavior Check List (CBCL) de Achenbach (1991), utilizado em três das pesquisas elencadas nesse estudo.

A finalidade desses instrumentos variou de acordo com os objetivos de cada pesquisa. Os instrumentos avaliaram comportamentos externalizantes e internalizantes, bullying, resiliência, uso de drogas, ansiedade, engajamento acadêmico, vocabulário, comportamentos que conflitam com a lei e percepção de bem-estar.

Para verificar variáveis relacionadas ao comportamento parental foram utilizados ao todo 09 instrumentos. O mais utilizado foi o Parenting Sense of Competence Scale (Johnston & Mash, 1989), usado em duas das pesquisas elencadas no presente estudo.

Os instrumentos avaliaram auto-estima relativa à parentalidade, responsividade, satisfação na interação com os filhos, qualidade no relacionamento, depressão, ansiedade e estresse parental.

4.2 Descrição dos Artigos Selecionados

Para a análise e interpretação dos dados foi realizada uma exaustiva e criteriosa leitura dos artigos selecionados com especial atenção aos objetivos de cada pesquisa e os principais resultados alcançados. Na Figura 1 encontra-se um quadro com a apresentação dos objetivos e principais constatações de cada um dos 13 artigos analisados.

| Autores | Objetivos | Principais resultados |
|---|---|--|
| Cyr, Pasalich, McMahon & Spieker (2014) | Investigar o potencial efeito moderador do apego seguro infantil na associação entre diferentes variáveis parentais (autoeficácia, parentalidade positiva e crítica) e agressividade infantil em uma amostra de filhos de mães adolescentes com alto risco de desenvolver problemas precoces de conduta. | Primeiro, os resultados não revelaram correlações significativas entre qualquer uma das variáveis parentais medidas e agressividade infantil. Isto está em divergência direta com um corpo substancial de pesquisa sugerindo forte ligação preditiva entre práticas parentais (tanto positivas e negativas) e problemas de conduta infantil. No entanto, a magnitude das correlações entre as variáveis parentais (autoeficácia e parentalidade positiva) e agressividade infantil estavam na direção esperada. Em segundo lugar, o apego inseguro estava significativamente relacionado a maior agressividade infantil, o que é consistente com um corpo substancial de pesquisas sugerindo que a segurança do apego desempenha um papel no desenvolvimento de problemas de conduta em crianças. Em terceiro lugar, os resultados das análises de regressão demonstraram que a segurança do apego infantil moderou a associação entre a crítica materna e a posterior agressividade infantil. Taxas mais altas de críticas maternas na pré-escola significativamente previu taxas mais altas de agressão no 1º ano entre crianças que haviam sido classificadas com apego inseguro na primeira infância. |
| Gao, Atkinson-Sheppard & Liu (2017) | O objetivo desse estudo foi examinar fatores de risco no nível individual (comportamento delinquente e baixo desempenho acadêmico), ambiente familiar (baixa escolaridade dos pais, pobreza e baixo apego dos pais) e nível comunitário (ambiente social e comunitário) que podem colocar crianças migrantes na China em alto risco de maus-tratos. | O estudo demonstrou que o maltrato físico e a agressão psicológica entre adolescentes migrantes e locais aumentou significativamente o baixo apego aos pais. Adolescentes migrantes com baixo desempenho acadêmico e comportamento delinquente, vivendo em famílias pobres, apresentavam maior risco de maus-tratos físicos e psicológicos, enquanto adolescentes locais com baixo desempenho acadêmico e economia familiar pobre apresentavam maior risco de serem abusadas fisicamente por seus pais. O fraco desempenho acadêmico aumentou significativamente os maus-tratos físicos entre os adolescentes migrantes e locais, indicando que os pais de adolescentes tendem a usar o castigo corporal para disciplinar seus filhos com baixo desempenho acadêmico. A adversidade econômica familiar foi um importante preditor de agressão psicológica entre adolescentes migrantes e de agressão física entre os migrantes e os locais. A pobreza, que pode resultar em altos níveis de estresse e baixo apoio social, pode levar os pais a usarem práticas violentas educar seus filhos. Além disso, a delinquência foi associada à agressão física e psicológica entre os adolescentes migrantes, enquanto não foi significativamente relacionado a agressão psicossocial ou abuso físico entre adolescentes locais, indicando que os pais de estudantes locais podem usar práticas mais racionais e educadas para lidar com os problemas de conduta de seus filhos em comparação com os pais migrantes. |

| | | |
|---|---|---|
| Giannotta, Ortega, Stattin (2013) | O objetivo geral foi encontrar uma ferramenta potencialmente eficaz de prevenção de comportamento problema em adolescentes a ser implementada na Itália. Os objetivos específicos foram: a) avaliar a possibilidade de realizar uma avaliação científica do programa de intervenção Connect; b) avaliar mudanças nos comportamentos dos pais e dos filhos como resultado da participação no programa. | Constatou-se que o programa era viável e muito bem recebido pelas mães italianas. O programa afetou os comportamentos de pais e filhos no curto prazo. Especificamente, mães no grupo de tratamento mostraram uma tendência à redução de suas reações de frieza e rejeição em comparação com as mães no grupo de controle. Os jovens do grupo de tratamento diminuíram sua frequência de consumo de álcool mais do que os jovens do grupo controle. Para concluir, este estudo sugere que educar os pais para serem mais sensíveis e empáticos às necessidades e solicitações dos adolescentes podem afetar positivamente os comportamentos, pelo menos a curto prazo |
| Gómez-Ortiz, Del Rey, Romera & Ortega-Ruiz (2015) | Os objetivos desta pesquisa foram: 1) Explorar as dimensões parentais avaliadas e seu agrupamento. 2) Analisar a relação entre os estilos educativos materno e paterno e a adaptação psicossocial dos adolescentes, avaliados de acordo com o envolvimento no bullying, o apego aos pais e mães e a capacidade de resiliência. 3) Examinar a relação entre o estilo educacional materno e paterno e o ajuste psicossocial dos adolescentes. | Destacou-se, em sentido positivo, a relação entre afeto, comunicação, pró-desenvolvimento de autonomia, revelação e humor à monitoria positiva de ambos os pais. Essa correlação ficou ainda mais evidente no caso da mãe. Os adolescentes com pais autoritativos com práticas parentais relacionadas à monitoria positiva obtiveram as menores pontuações na dimensão agressão e vitimização, em comparação com os adolescentes cujas mães foram categorizadas dentro dos outros estilos. Da mesma forma, o grupo de adolescentes com mães permissivas apresentou os menores escores em vitimização, comparado ao grupo de jovens com mães e pais com outros estilos. O apego seguro foi mais relacionado à pais com práticas parentais de monitoria positiva. O apego preocupado se mostrou relacionado à monitoria negativa. O apego desorganizado foi relacionado à permissividade e a maior resiliência foi relacionada à pais com práticas parentais positivas. |
| Infante & Martínez (2016) | O estudo como objetivo avaliar as concepções que mães e pais têm sobre parentalidade, com a intenção de conhecer os princípios que apoiam seus modelos parentais. | Os resultados apontam que pais com um modelo parental negociador, o qual se aproxima do estilo parental autoritativo, têm filhos com vínculo de apego chamado <i>cercano</i> , o qual numa tradução livre significa estreito, próximo. |
| Keyser, Ahn & Unick (2017) | O objetivo foi avaliar os fatores de risco e potenciais preditores de bem-estar infantil de 3 a 9 anos em famílias em situação de vulnerabilidade. | Depressão materna e abuso físico em bebês com menos de 12 meses estão relacionados à escores mais altos no CBCL. Mães que costumam punir fisicamente os filhos podem não ter habilidades para construir o sistema regulatório da criança e podem interpretar mal comportamentos comuns ao desenvolvimento infantil, por exemplo, perceber o choro como forma de desafio. O estresse parental também foi |

| | | |
|---|--|--|
| | | associado a altos escores no CBCL em crianças de 3 anos. A hipótese de que estresse parental materno tem um impacto decrescente em problemas de comportamento infantil dos 3 aos 9 anos de idade foi confirmada. Isto pode se dar ao fato de que o nível de estresse parental mude conforme a criança vai crescendo e aumentando a sua capacidade cognitiva. A capacidade cognitiva das crianças e o apego seguiu a trajetória esperada de ter um aumento no impacto sobre os problemas de comportamento das crianças dos 3 aos 9 anos de idade. Crianças com 3 anos de idade com apego seguros são mais propensas a terem menos problemas de comportamento. Por outro lado, isso sugere crianças com apego inseguro aos 3 anos são especialmente vulneráveis a problemas de comportamento até a meia infância |
| Malczyk & Lawson (2017) | Este estudo destina-se a examinar os processos familiares que podem influenciar o engajamento acadêmico de crianças de famílias monoparentais chefiadas pelas mães. | Maiores níveis de monitoramento parental influenciaram significativamente o engajamento acadêmico. Ao controlar variáveis como o sexo, a raça, o nível de escolaridade e a renda da mãe, o apego não teve influência significativa no monitoramento. Isso vai contra a hipótese declarada e estudos anteriores que apontaram o apego fortemente correlacionado com a realização e engajamento. Por sua vez, níveis mais altos de qualidade de relacionamento previram significativamente níveis mais altos de engajamento acadêmico. |
| Medeiros, Gouveia, Canavarro & Moreira (2016) | Este estudo teve dois objetivos: 1) explorar as diferenças na parentalidade consciente entre mães e pais de crianças e adolescentes. 2) investigar se a parentalidade consciente de ambos os pais está associada com o bem-estar da criança e se esta associação é explicada pela percepção da criança sobre a segurança do apego a seus pais. | Como esperado, as mães apresentaram níveis mais elevados de parentalidade consciente do que pais em todas as faixas etárias. O apego seguro com seus pais foi positivamente relacionado à parentalidade consciente e ao bem-estar da criança. |
| Mothander & Wang (2014) | O primeiro objetivo foi explorar as associações entre percepções de criação parental e apego atual do adolescente com o pai, a mãe e um par em uma amostra de adolescentes chineses. O segundo objetivo foi estudar as diferenças de idade e gênero nas percepções da criação, apego e | Os resultados apontaram uma correlação maior entre as práticas parentais e o apego aos pais do que apego aos pares, isso corrobora com resultados de estudos que afirmam que o apego aos pais se dá na interação dentro do ambiente familiar e que o apego aos pares está relacionado a interações fora do ambiente familiar. A rejeição parental foi fortemente relacionada ao apego ansioso, enquanto a afetividade foi relacionada ao apego seguro. Em relação ao gênero, os meninos relataram maior rejeição por parte do pai e maior superproteção por parte da mãe do que as meninas. Os resultados indicaram ainda que os meninos estão mais sujeitos à práticas |

| | | |
|--|---|--|
| | ansiedade social dos pais. O terceiro objetivo era examinar se as percepções de criação e apego aos pais e pares foram capazes de prever ansiedade social. | parentais negativas do que as meninas e que as meninas apresentam maior relação de apego seguro com a mãe do que os meninos. Por fim, a rejeição parental foi associada à ansiedade social, mas o mesmo não aconteceu com a superproteção. |
| Nanu & Nijloveanu (2015) | O objetivo foi verificar se os tipos de apego adulto influenciam estilos parentais adotados. | Os resultados sugerem que as experiências de apego segura com o parceiro, cuidar responsivo ao parceiro foi positivamente associado com estilos parentais autoritativos e negativamente associado a estilos parentais autoritários e permissivos. O apego evitativo e o ansioso foram associados a níveis mais baixos de cuidado responsivo, que por sua vez estavam associados ao aumento da parentalidade autoritária e permissiva. |
| Nunes, Faraco & Vieira (2013) | O estudo teve como objetivo investigar como dois sistemas parentais (apego e práticas parentais) interagem para prever problemas externalizantes e internalizantes em crianças com idades entre 9 e 13 anos. | Os resultados mostram especificidades de gênero em relação a externalização (agressividade e delinquência) e internalização (afastamento social e ansiedade/depressão). Para os meninos, um aumento nos níveis de agressividade e delinquência foi explicado pela percepção de que a mãe raramente está disponível, responsiva ou aberta para comunicação e oferece pouco apoio em tempos de estresse. Tal percepção de apego parece não ter impacto nos problemas externalizantes de meninas. Na verdade, é a qualidade das práticas parentais relatadas pelos cuidadores (neste caso, rejeição e controle comportamental) que parecem contribuir para a ocorrência de problemas desta natureza entre as meninas. |
| Simões, Farate, Soares & Duarte (2013) | Os objetivos foram: (a) avaliar a relação entre as percepções maternas dos estilos educativos e da qualidade do comportamento de apego dos filhos em idade escolar; (b) Verificar um modelo preditor da influência que o tipo de família e as dimensões do estilo educativo materno exercem sobre a segurança do comportamento de apego das crianças. | Os resultados indicam que, no que diz respeito à correlação entre estilos educativos parentais e comportamento de apego das crianças, as mães que providenciam maior suporte emocional aos seus filhos, identificam nos seus filhos um comportamento de apego mais seguro. Pode então dizer-se que, à percepção das mães de que prestam um bom suporte emocional, correspondem os filhos com menores dificuldades de autorregulação emocional, mais comportamentos de base-segura, maior partilha de afeto e, em síntese, com um comportamento de apego mais seguro. Por outro lado, as mães que percebem mais comportamentos de rejeição para com os seus filhos consideram que eles têm um comportamento de apego mais inseguro. A análise de regressão linear realizada permitiu ainda identificar que, de entre as dimensões da parentalidade avaliadas (suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo), a rejeição materna é o melhor preditor da insegurança dos comportamentos de apego das crianças em idade escolar. Sobre a tipologia familiar, o estudo indica que o tipo de família não é preditor dos comportamentos de apego das crianças em idade escolar, sugerindo que a tipologia |

| | | |
|---|--|---|
| | | familiar por si só não determina a qualidade do apego da criança. |
| Zimmer-Gembeck, Webb, Rae & Klag (2015) | Os objetivos foram: (1) avaliar seis dimensões da parentalidade em uma nova medida para pais com filhos pequenos e (2) examinar a associação dessas dimensões com as observações e métodos de autorrelato. | A hipótese de que práticas parentais mais positivas e menos negativas, especialmente mais afeto, apoio à autonomia e menos rejeição e coerção, seriam encontrados no grupo de apego seguro em comparação com outros grupos não foi encontrada. Contudo, encontrou-se associações da sensibilidade observada das mães com práticas parentais menos coercitivas. Estes resultados podem indicar que, embora a sensibilidade das mães esteja relacionada a práticas parentais em mães em situação de risco, a avaliação de comportamentos específicos de uma pessoa não pode explicar a variabilidade significativa na segurança do apego. |

Figura 1: Quadro de descrição dos objetivos e principais resultados dos artigos selecionados

5. Discussão

A maior parte dos estudos selecionados corroborou com a ideia de que práticas parentais positivas influenciam o apego seguro e estão relacionadas a um melhor desenvolvimento socioemocional da criança e do adolescente e diminuição dos comportamentos problemas. Por sua vez, as práticas negativas estão relacionadas a baixa qualidade do apego e problemas de comportamento.

Pais que adotam práticas parentais positivas baseadas na empatia, respeitando o sentimento da criança e encarando os erros como oportunidade de aprendizado e não como passíveis de punição promovem o desenvolvimento de apego seguro em crianças. Pais que dão mais atenção e estão mais presentes nas interações com seus filhos tendem a adotar uma postura menos reativa, mais disponível e conseqüentemente mais responsivo às necessidades do seu filho. Essa atitude parental pode, portanto, facilitar e promover o desenvolvimento de um relacionamento de apego seguro porque as crianças provavelmente sabem que seus cuidadores estão disponíveis para fornecer proteção e apoio quando necessário (Medeiros, Gouveia, Canavarro, & Moreira, 2016; Alvarenga, Weber, & Bolsoni-Silva, 2016).

Embora a amostra seja pequena foi possível obter artigos com pesquisas realizadas em variados países. Essa variabilidade é importante, pois os aspectos culturais são frequentemente questionados em relação à aplicabilidade dos conceitos de práticas educativas parentais positivas e apego nas culturas não ocidentais (Kajula, Darling, Kaaya, & De Vries, 2016; Grové & Naudé, 2016).

Segundo Andery (2011), a cultura é parte constitutiva do comportamento humano, visto que todo comportamento de um indivíduo é também produto de uma história cultural. A literatura destaca o apego como um comportamento de origem filogenética e ontogenética (Bowlby, 1969/1983; Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Alvarenga, Weber, &

Bolsoni-Silva, 2016), entretanto, dada a sua estreita relação com a responsividade do cuidador e com as práticas parentais os questionamentos sobre a aplicabilidade dos conceitos de apego em diferentes culturas é perfeitamente cabível, considerando que as práticas educativas parentais são em grande parte modeladas por contingências culturais (Kim & Hong, 2007; Kim, Yang, & Lee, 2009; Cassoni, 2013)

A maior parte dos estudos relacionados às práticas educativas parentais e ao apego são de origem ocidental, principalmente, da Europa, América Latina e América do Norte. Nesses estudos destaca-se a promoção da autonomia como uma prática parental positiva e que deve ser incentivada pelos pais, visto que a pró-atividade é um comportamento valorizado nessas culturas. Entretanto, segundo Morthander e Wang (2014), na China essa prática não é vista de forma positiva, pois é uma cultura que valoriza a rigidez hierárquica nas relações e a submissão.

As diferenças culturais impactam diretamente nas relações familiares. A cultura chinesa é fortemente influenciada pelo confucionismo², é caracterizada por seu foco na interdependência, harmonia emocional e piedade. A maioria das culturas asiáticas é retratada como coletivista, com controle de suas emoções, deferência para com o grupo e autoridade parental, em contraste com as culturas ocidentais, onde a independência, a auto-expressão e a singularidade dos indivíduos são altamente valorizadas (Mothander & Wang, 2014).

Mesmo entre os países ocidentais há diferenças culturais importantes ligadas às relações familiares, Reher (1998) destaca as diferenças na dinâmica familiar de países mediterrâneos como Portugal, Espanha, Itália e Grécia do restante da Europa. O autor descreve os países mediterrâneos como lugares em que o grupo familiar tem prioridade sobre o indivíduo e que os relacionamentos familiares são próximos, intensos e com fortes laços emocionais caracterizando o que ele chama de “família forte”.

²O confucionismo é um sistema filosófico criado pelo filósofo chinês Confúcio no século VI a.C., o qual compilou e organizou antigas tradições da sabedoria chinesa elaborando uma doutrina assumida como oficial na China por mais de 2.500 anos.

Por sua vez, a América do Norte, países escandinavos e os países ao norte da Europa como Inglaterra, países baixos, Alemanha e Áustria são descritos como lugares em que o indivíduo e os valores individuais têm prioridade em relação ao grupo familiar caracterizando, segundo Reher (1998), as chamadas “famílias fracas”.

Nos países de “família forte”, os filhos passam mais tempo na casa dos pais, sendo a saída impulsionada não pela entrada na faculdade ou no mercado de trabalho, mas sim pelo casamento e formação da própria família. Devido ao longo período passado com a família de origem é possível que as práticas parentais sejam mais fortemente influenciadas pela família nesses países do que nos países de “família fraca” (Giannotta, Ortega, & Stattin, 2013).

A despeito dos países considerados de “família forte” cultivarem vínculos fortes, essa característica pode representar um problema, considerando que de forma global a maior parte dos casos de violência contra a criança e o adolescente são cometidos dentro da família (Pinheiro, 2006), situações que questionem o funcionamento familiar podem representar um tabu nessas sociedades.

Da mesma forma, programas de intervenção familiar podem ser vistos com receio por parte dos habitantes de culturas com “famílias forte”, o grande valor atribuído à família nesses países pode resultar em relutância em participar de programas que enfocam o funcionamento familiar. Nesses países, buscar ajuda de fora da rede familiar é frequentemente considerado um último recurso, que pode causar constrangimento ou humilhação, porque pode ser visto como um sinal de que a família é inadequada (Giannotta, Ortega, & Stattin, 2013).

Na maior parte das pesquisas dos estudos selecionados os pais participaram do estudo e em todas essas foram os pais que responderam os instrumentos de avaliação sobre as práticas parentais com exceção do estudo de Cyr et. al. (2014), que utilizou o PICT (Eyberg & Robinson, 1983), um procedimento que envolve uma situação de interação entre o adulto e

a criança num ambiente controlado. Entretanto, ambas as formas oferecem limitações estando sujeitas a influências sociais, visto que os pais podem responder as perguntas ou agir da maneira que julgam socialmente correto e não da maneira que realmente fazem na sua rotina habitual.

A pluralidade dos instrumentos utilizados também variou bastante, poucos instrumentos se repetiram e alguns foram elaborados pelos próprios autores da pesquisa. No estudo realizado na Romênia por Nanu e Nijloveanu (2015), as pesquisadoras elaboraram o instrumento, Parental Styles Questionnaire, utilizado para avaliar os estilos parentais, citaram como referência do instrumento o sobrenome de uma das pesquisadoras e o ano, entretanto, tal referência não se encontrava na lista de referências do artigo, também não foi possível localizá-la nas bases de dados, portanto, não há informações sobre a validação do instrumento.

Um ponto positivo dos estudos selecionados é que a maior parte deles considerou outras variáveis que podem interferir nas relações entre práticas parentais e apego. Situações como estresse parental, depressão, ansiedade parental e infantil, engajamento escolar, entre outras, foram avaliadas por meio de instrumentos possibilitando assim uma perspectiva mais contextualizada das relações.

Em relação aos objetivos dos estudos selecionados pode-se considerar que seis estudos tiveram objetivos que podem ser resumidos como analisar as relações entre práticas parentais, apego e outras variáveis (Gómez-Ortiz, Del Rey, Romera, & Ortega-Ruiz, 2015; Malczyk & Lawson, 2017; Mothander & Wang, 2014; Nunes, Faraco, & Vieira, 2013; Simões, Farate, Soares, & Duarte, 2013; Zimmer-Gembeck, Webb, Thomas, & Klag, 2015).

Nesses estudos foram levantadas as hipóteses de que as práticas parentais positivas estavam relacionadas ao apego seguro e que ambas variáveis estariam relacionadas à comportamentos considerados adequados. A maior parte dos estudos selecionados

confirmaram essa hipótese, porém, dois estudos tiveram resultados diferentes da maioria. Malczyk e Lawson (2017) encontraram uma relação positiva entre o monitoramento parental e o engajamento acadêmico, mas a hipótese de que o apego também influenciaria o engajamento acadêmico não foi confirmada. Os autores destacaram nas conclusões como uma limitação do estudo que o tempo e a medida utilizada para o apego podem ter levados à resultados contrários à outras pesquisas.

O estudo realizado por Zimmer-Gembeck et al (2015) não confirmou a hipótese de que práticas parentais mais positivas e menos negativas, especialmente mais afeto, apoio à autonomia e menos rejeição e coerção, seriam encontrados no grupo de apego seguro em comparação com outros grupos. Como possível explicação para esse resultado os autores levantaram a hipótese de que as mães poderiam ter tido dificuldades em relatar as dificuldades ou não terem relatos tão precisos.

Dois dos estudos selecionados tiveram como objetivo analisar fatores de risco aos quais crianças ou adolescentes estão sujeitos relacionando com fatores como práticas parentais e apego, entre outros (Gao, Atkinson-Sheppard, & Liu, 2017; Keyser, Ahn, & Unick, 2017). No estudo realizado com adolescentes chineses (Gao, Atkinson-Sheppard, & Liu, 2017) a agressão física e psicológica foi associada à delinquência corroborando com a hipótese de que essas práticas prejudicam o desenvolvimento socioemocional dos filhos. Além disso, foi encontrado relação entre maus tratos físicos e baixo apego aos pais, o estudo demonstrou ainda que adolescentes chineses migrantes de áreas rurais para áreas urbanas correm maior risco de maus tratos que os adolescentes que nasceram em áreas urbanas, a falta de engajamento acadêmico seria o principal motivo para os pais migrantes recorrerem a castigos físicos.

Na cultura chinesa, o alto nível de controle dos pais e o autoritarismo representa o desejo parental de que os filhos se tornem bem-sucedidos (Stewart, Bond, Kennard, Ho, &

Zaman, 2002). Entretanto, o uso de práticas parentais coercitivas como agressão física, ameaça de agressão, gritos e utilização de palavras ofensivas podem reduzir a variabilidade comportamental e provocar efeitos colaterais que trazem prejuízo ao desenvolvimento sociemocional como, por exemplo, ansiedade, fuga e esquiva (Skinner, 1953/2003; Sidman, 1989).

Segundo Alvarega, Weber e Bolsoni-Silva (2016), adolescentes criados sob um estilo parental autoritário, no qual práticas parentais coercitivas são frequentemente utilizadas, podem se tornar agressivos ou submissos dependendo da interação de outras variáveis, além de apresentarem dificuldades nas relações sociais.

No estudo realizado por Keyser, Ahn & Unick (2017), os resultados apontaram que crianças com apego seguro tem menos problemas de comportamento. O estudo apontou também que o estresse parental materno está ligado à altos índices de problema externalizante e internalizante, contudo, o nível de estresse tende a diminuir conforme a idade da criança avança.

Um dos objetivos do estudo realizado na Itália por Giannotta, Ortega e Stattin (2013) era avaliar os efeitos de um programa de intervenção no comportamento dos pais e dos filhos adolescentes. Embora o título do artigo seja “An Attachment Parenting Intervention to Prevent Adolescents’ Problem Behaviors” e que os autores tenham introduzido o programa como sendo focado no apego, o estudo não utilizou nenhum instrumento para avaliar o apego e não apresentou resultados avaliando especificamente o apego. Mesmo assim, o estudo apontou um resultado positivo no aumento de práticas parentais positivas e diminuição de problemas de comportamento.

Segundo Kanamota, Bolsoni-Silva e Kanamota (2017), as intervenções com pais/cuidadores são importantes porque muitas vezes a família é a principal fonte de desenvolvimento e manutenção de problemas comportamentais em crianças e adolescentes.

Desta forma, as intervenções com os pais buscam aumentar o repertório de interação com os filhos, ampliando assim a qualidade da relação parental.

O estudo realizado por Medeiros et al (2016) teve como um dos objetivos analisar se a parentalidade consciente está relacionada ao bem-estar infantil e se essa associação se reflete na segurança do apego. Os resultados confirmaram a hipótese de que o apego seguro está relacionado a parentalidade consciente. Segundo os pesquisadores, a responsividade parental pode facilitar e promover o desenvolvimento de um relacionamento de apego seguro porque as crianças provavelmente sabem que seus cuidadores estão disponíveis para fornecer proteção e apoio quando necessário. Por sua vez, essas expectativas positivas de disponibilidade, sensibilidade e responsividade podem ter um impacto positivo sobre o desenvolvimento socioemocional da criança.

No estudo realizado por Cyr et al (2014) o objetivo foi avaliar o potencial efeito moderador do apego na relação entre prática parentais e agressividade infantil. Ao contrário do esperado, o estudo não encontrou relações entre práticas parentais positivas ou negativas e agressividade infantil. Contudo, a hipótese de que o apego exerceria efeito moderador entre práticas parentais e agressividade infantil foi confirmada.

O estudo realizado por Infante e Martínez (2016) teve como objetivo avaliar as concepções que os pais têm sobre a parentalidade. Os resultados apontaram uma correlação positiva entre o estilo parental autoritativo e o apego seguro. Segundo os autores, o apego seguro não ocorre de forma espontânea, há uma série de comportamentos entre membros da família que levam a um vínculo saudável. Sem dúvida, as formas pelas quais o apego entre os membros da família é expresso são uma função do contexto, do nível de desenvolvimento e das experiências anteriores de afeto entre seus membros.

Por fim, ao contrário do restante dos estudos selecionado que tiveram como foco os efeitos das práticas parentais no apego infantil, o estudo romeno realizado por Nanu e

Nijloveanu (2015), teve como objetivo avaliar se o apego adulto exerce efeito sobre os estilos parentais adotados. Os resultados sugerem que o apego seguro adulto e o cuidar responsivo do parceiro está relacionado à um estilo parental autoritativo, por sua vez, o cuidar responsivo e o apego inseguro foi relacionado aos estilos parentais autoritários e permissivos.

Conforme exposto, a maior parte das pesquisas encontrou uma correlação positiva entre o apego seguro e práticas parentais positivas, sendo essas variáveis relacionadas a um desenvolvimento socioemocional saudável (Toni, Salvo, Marins, & Weber, 2004; Sánchez, 2008; Simões, Farate, Soares, & Duarte, 2013; Weber, 2017).

6. Conclusões

Esse trabalho teve como objetivo examinar de que forma as práticas parentais e o apego se relacionam e as possíveis consequências sobre o desenvolvimento socioemocional dos filhos. Para isso foi utilizado uma metodologia de pesquisa chamada revisão integrativa de literatura que tem por finalidade fazer uma análise quantitativa e qualitativa das publicações.

Essa pesquisa apresentou limitações em relação ao tamanho da amostra; sendo uma revisão de literatura a falta de padronização das palavras chaves usadas nos artigos de pesquisa que tratam o tema podem ter prejudicado as buscas ocasionando a não inclusão de artigos relevantes e a inclusão de artigos com focos diferentes.

Além disso, embora haja um corpo substancial de pesquisas sobre práticas educativas parentais e também um corpo substancial de pesquisas relacionadas ao apego, as relações entre essas duas variáveis estão começando a serem investigadas recentemente sendo que a maior parte das pesquisas são de caráter correlacional. Há ainda poucas pesquisas avaliando resultados de intervenções.

Tendo em vista a correlação positiva encontrada entre práticas parentais positivas, apego seguro e desenvolvimento socioemocional saudável, conclui-se que profissionais de Psicologia devem focar sua intervenção para com pais e filhos na promoção de práticas parentais positivas e promoção de um apego seguro. Considerando, que o apego é um comportamento que começa a ser desenvolvido logo nos primeiros dias de vida, há uma demanda para que a educação parental ocorra na primeira infância, preferencialmente, logo que o bebê nasce ou ainda na gestação.

A educação parental pode aumentar a parentalidade consciente e conseqüentemente a responsividade materna e paterna, fazendo com que os pais sejam mais precisos na compreensão e atendimento às demandas do bebê. A responsividade está positivamente relacionada à qualidade do apego infantil.

Embora o apego entre pais e filhos comece na mais tenra infância, ele pode sofrer modificações e melhorar ou piorar sua qualidade de acordo com as relações familiares ao longo da vida. Portanto, a possibilidade de intervenção não se limita à primeira infância e pode ter resultados excelentes até mesmo na adolescência.

Uma demanda muito comum dos pais aos profissionais de Psicologia é em relação ao engajamento acadêmico dos filhos. Os resultados desse estudo mostraram que a promoção de práticas parentais positivas pode ter efeito benéfico no desempenho escolar dos filhos.

De forma geral, os resultados apontam que as práticas parentais positivas estão relacionadas ao melhor desenvolvimento socioemocional da criança, diminuição de comportamentos problemas e ao estabelecimento de apego seguro.

Referências

- Abidin, R. (1995). *Parent stress index* (3rd edition ed.). Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Child Behavior Checklist and 1991 Profile*. Burlington: University of Vermont, Department of Psychiatry.
- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2001). *Manual for the ASEBA school-age forms & profiles*. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth & Families.
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Alvarenga, P., Weber, L. N., & Bolsoni-Silva, A. T. (2016). Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitivista*, 8(1), pp. 4-21.
- Andery, M. A. (2011). Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 2(2), pp. 203-217.
- Ang, R. P. (2006). Effects of parenting style on personal and social variables for asian adolescents. *American Journal of Orthopsychiatry*, 76(4), pp. 503-511.
- Argyriou, E., Bakoyannis, G., & Tantaros, S. (2016). Parenting styles and trait emotional intelligence in adolescence. *Scandinavian Journal of Psychology*, 57, pp. 42-49.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, pp. 427-453.
- Balluerka, N., Lacasa, F., Gorostiaga, A., Muela, A., & Pierrehumbert, B. (2011). Versión reducida del cuestionario CaMir (CaMir-R) para la evaluación del apego. *Psicothema*, 3(23), pp. 486-494.
- Banaco, R. A., & Martone, R. C. (2001). Terapia comportamental de família: uma experiência de ensino e aprendizagem. Em H. J. Guilhardi, M. B. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz, *Sobre comportamento e cognição: expondo a variabilidade* (Vol. 7, pp. 200-205). Santo André, SP: ESETec Editores Associados.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, pp. 226-244.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), pp. 887-907.
- Benavente, R., Justo, J., & Veríssimo, M. (2009). Os efeitos dos maus-tratos e da negligência sobre as representações da vinculação em crianças em idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 27(1), pp. 21-31.

- Bettio, C. D., & Laurenti, C. (2016). Contribuições de B. F. Skinner para o estudo. *Acta Comportamentalia*, 24(1), pp. 95-108.
- Bijou, S. W., & Baer, D. M. (1980). *O desenvolvimento da criança: uma análise comportamental*. São Paulo: EPU.
- Biringen, Z. (2008). *The emotional availability (EA) scales manual* (4th ed.). Boulder, CO: Colorado State University.
- Bowlby, J. (1969/1983). *Apego* (Vol. 1). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1969/1984). *Apego* (Vols. Volume 1, trilogia Apego e Perda). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1979/1997). *Formação e rompimento dos laços afetivos* (3ª ed. ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Brandau, R., Monteiro, R., & Braile, D. M. (2005). Importância do uso correto dos descritores nos artigos científicos. *Brazilian Journal of Cardiovascular Surgery*, 20(1), pp. VII - IX.
- Brighi, A., Ortega, R., Scheitauer, H., Smith, P. K., Tsormpatzoudis, C., Barkoukis, V., & Del Rey, R. (2012). *European Bullying Intervention Project Questionnaire (EBIPQ)*. University of Bologna.
- Burden, R. (1998). Assessing children's perceptions of themselves as learners and problem-solvers: The construction of the Myself-as-Learner Scale (MALS). *School Psychology International*, 19(4), pp. 291-310. doi:10.1177/0143034398194002
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007). Avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: a versão portuguesa do EMBU-P. *Teoria, Investigação e Prática*, 2, pp. 271-286.
- Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 31(4), pp. 396-406.
- Cassoni, C. (2013). *Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura*. Dissertação de Mestrado, Ribeirão preto.
- Catania, C. A. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição* (4ª ed. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, pp. 45-54.
- Chapple, C. L., McQuillan, J. A., & Berdahl, T. A. (2005). Gender, social bonds, and delinquency: A comparison of boys and girls models. *Social Science Research*, 34(2), pp. 357-383.
- Cheung, N. W., & Cheung, Y. W. (2010). Strain, self-control, and gender differences in delinquency among Chinese adolescents: Extending general strain theory. *Sociological Perspectives*, 53(3), pp. 321-345.

- Connor, K. M., & Davidson, J. R. (2003). Development of a new resilience scale: The Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC). *Depression and Anxiety*, pp. 76-82.
- Cooper, H. M. (1989). *Integrating research: a guide for literature review* (2 ed. ed., Vol. 2). Londres: SAGE Publication.
- Cyr, M., Pasalich, D. S., McMahon, R. J., & Spieker, S. J. (2014). The Longitudinal link between parenting and child aggression: The moderating effect of attachment security. *Child Psychiatry & Human Development*, 45, pp. 555-564.
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), pp. 12-24.
- De Wolff, M. S., & Ijzendoorn, M. H. (1997). Sensitivity and attachment: a meta-analysis on parental antecedents of infant attachment. *Child Development*(68), pp. 571-591.
- Dias, P., Soares, I., & Freitas, T. (2002). Percepção materna do comportamento de vinculação da criança aos 6 anos: Construção de uma escala. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, pp. 335-347.
- Duncan, L. G. (2007). *Assessment of mindful parenting among parents of early adolescents: Development and validation of the Interpersonal Mindfulness in Parenting Scale*. (Unpublished doctoral dissertation). The Pennsylvania State University, USA.
- Dunn, L. M., & Dunn, D. M. (2007). *Peabody picture vocabulary test: PPVT-4B*. Minneapolis, MN: NCS Pearson.
- Dwairy, M. A. (2008). Parental inconsistency versus parental authoritarianism: associations with symptoms of psychological disorders. *Journal of Youth and Adolescence*, 37, pp. 616-626.
- Elliot, D. S., & Ageton, S. S. (1980). Reconciling race and class differences in self-reported and official estimates of delinquency. *American Sociological Review*, 45(1), pp. 95-110.
- Eyberg, S. M., & Robinson, E. A. (1983). Dyadic Parent-Child Interaction Coding System (DPICS): A manual. *Psychological Documents*, 13(2), p. 24 pages.
- Eyberg, S. M., & Ross, A. W. (1978). Assessment of child-behavior problems: validation of a new inventory. *Journal of Clinical Child Psychology*, 7(2), pp. 113-116.
- Fagot, B. I., & Kavanagh, K. (1993). Parenting during the second year: effects of children's age, sex and attachment classification. *Child Development*(64), pp. 258-271.
- Farate, C., Pocinho, M., & Machado, P. (2010). *Repercussions of tobacco, alcohol and drugs on adolescent health - Modalities of interaction and reciprocal influence*. Saarbrücken, UK: Lambert Academic.
- Fredricks, J. A., Blumenfeld, P. C., & Paris, A. H. (2004). School engagement: Potential of the concept state of the evidence. *Review of Educational Research*, 74(1), pp. 59-109.

- Gao, Y., Atkinson-Sheppard, S., & Liu, X. (2017). Prevalence and risk factors of child maltreatment among migrant families in China. *Child Abuse & Neglect*, 65, pp. 171-181.
- Gelkopf, M., & Jabotaro, S. E. (2013). Parenting style, competence, social network and attachment in mothers with mental illness. *Child and Family Social Work*, 18, pp. 496-503. doi:doi:10.1111/j.1365-2206.2012.00874.x
- Giannotta, F., Ortega, E., & Stattin, H. (2013). An attachmet parenting intervention to prevet adolescent's problem behaviors: A piloty study in Italy. *Child Youth Care Forum*, 42, pp. 71-85.
- Gómez-Ortiz, O., Del Rey, R., Romera, E. M., & Ortega-Ruiz, R. (2015). Los estilos educativos paternos y maternos en la adolescencia y su relación con la resiliencia, el apego y la implicación en acoso escolar. *Anales de Psicología*, 31(3), pp. 979-989.
- Gomide, P. I. (2006). *Inventário de Estilos Parentais: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis: Vozes.
- Gomide, P. I., Salvo, C. G., Pinheiro, D. P., & Sabbag, G. M. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. *Psico-USF*, 10(2), pp. 169-178.
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: a research note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, and Allied Disciplines*, 38(5), pp. 581-586. doi:10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x.
- Goodnight, J. A., Lahay, B. B., Van Hulle, C. A., Rodgers, J. L., Rathouz, P. J., Waldman, I. D., & al., e. (2011). A quasi-experimental analysis of the influence of neighborhood disadvantage on child and adolescent conduct problems. *Jornal of Abnormal Psychology*, 121(1), pp. 95-108.
- Grové, L. C., & Naudé, L. (2016). Identity status and perceived parenting style in dolescents living in central South Africa. *Journal of Psychology in Africa*, 26(2), pp. 189-193.
- Henrique, C. A. (2016). *Uma possível explicação do “apego” sob o enfoque analítico-comportamental*. Dissertação de mestrado em Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná.
- Herschell, Calzada, E. J., Eyberg, S. M., & McNeil, C. B. (2002b). Clinical Issues in Parent-Child Interaction Therapy. *Cognitive and Behavioral Practice*, pp. 16-27.
- Herschell, M. D., Calzada, E. J., Eyberg, S. M., & McNeil,, C. B. (2002). Parent-Child Interaction Therapy: New Directions in Research. *Cognitive and Behavioral Practice*, 9, pp. 16-27.
- Hibell, B., Guttormsson, U., Ahlstrom, S., Balakireva,, O., Bjarnason,, T., Kokkevi, A., & et al. (2009). *The 2007 ESPAD report: Substance use among students in 35 European Countries*. Stockholm: Swedish Council for Information on Alcohol and other drugs.

- Hofferth, S., Davis-Kean, P. E., Davis, J., & Finkelstein, J. (1999). *The child development supplement to the panel study of income dynamic: 1997 User guide*. Survey Research Center The University of Michigan Institute for Social Research.
- Infante, A. B., & Martínez, J. L. (2016). Concepciones sobre la crianza: el pensamiento de madres y padres de familia. *Liberabit*, 22(1), pp. 31-41.
- Johnston, C., & Mash, E. J. (1989). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of Clinical Child Psychology*, 18, pp. 167-175.
- Kajula, L. J., Darling, N., Kaaya, S. F., & De Vries, H. (2016). Parenting practices and styles associated with adolescent sexual health in Dar es Salaam, Tanzania. *AIDS Care*, 28(11), pp. 1467-1472.
- Kanamota, P. F., Bolsoni-Silva, A. T., & Kanamota, J. S. (2017). Efeitos do programa Promove-Pais, uma terapia comportamental aplicada a cuidadores de adolescentes com problemas de comportamento. *Acta Comportamental*, 25(2), pp. 197-214.
- Karavasilis, L., Doyle, A. B., & Markiewicz, D. (2003). Associations between parenting style and attachment to mother in middle childhood and adolescence. *International Journal of Behavioral Development*, 27(2), pp. 153-164.
- Kerns, A. K., Aspelmeier, J. E., Gentzler, A. L., & Grabill, C. M. (2001). Parent-Child Attachment and Monitoring in Middle Childhood. *Journal of Family Psychology*, 15(1), pp. 69-81. doi:DOI: 10.1037//0893-3200.15.1.69
- Kerns, K. A., Klepac, L., & Cole, A. K. (1996). Peer relationships and preadolescent's perceptions of security in the child-mother relationship. *Developmental Psychology*, 32(3), pp. 457-466.
- Kerr, M., & Stattin, H. (2000). What parents know , how they know it, and several forms of adolescent adjustment: Further support for a reinterpretation of monitoring. *Developmental Psychology*, 36(3), pp. 366-380.
- Kessler, R. C., Andrews, G., Mroczek, D., Ustun, T. B., & Wittchen, H. U. (1998). The World Health Organization composite international diagnostic interview short form (CIDI-SF). *International Journal of Methods in Psychiatric Research*, 7, pp. 171-185.
- Keyser, D., Ahn, H., & Unick, J. (2017). Predictors of behavioral problem in young children 3 to 9 years old: The role of maternal and child factors. *Children and Youth Services Review*, 82, pp. 149-155.
- Kim, C., Yang, Z., & Lee, H. (2009). Cultural differences in consumer socialization: a comparason of chinese-canadian and caucasian-canadian children. *Journal of Business Research*, 62(10), pp. 955-962.
- Kim, E., & Hong, S. (2007). First-Generation Korean-American Parents' Perceptions of Discipline. *Journal of Professional Nursing*, 23(1), pp. 60-68.
- La Greca, A. M., & Lopez, N. (1998). Social anxiety among adolescents: Likages with peer relations and friendships. *Journal of Abnormal Children Psychology*, 26, pp. 83-94.

- Ma, H., Wang, X. D., & Wang, X. L. (1999). *Handbook of psychological health assessment and scales*. Beijing: Chinese Psychological Health Magazine.
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. Em P. Mussen, *Handbook of child psychology: socialization, personality and social development* (Vol. 4, pp. 1-101). New York: John Wiley.
- Malczyk, B. J., & Lawson, H. A. (2017). Parental monitoring, the parent-child relationship and children's academic engagement in mother-headed single-parent families. *Children and Youth Services Review*, 73, pp. 274-282.
- Martínez, F., Salazar, A., & Infante, A. (2013). Instrumento atribucional para explorar modelos parentales: el proceso de construcción. Em J. J. Gázquez, M. C. Pérez, M. M. Molero, & R. Parra, *Investigación en el ámbito escolar: un acercamiento multidimensional a las variables psicológicas y educativas* (pp. 323-330). Almería: Grupo Editorial Universitario.
- Matos, M. G., Gaspar, T., & Simões, C. (2012). Health-related quality of life in Portuguese children and adolescence. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25, pp. 230-237.
- Mayseless, O. (2005). Ontogeny of attachment in middle childhood: conceptualization of normative changes. Em K. A. Kerns, & R. A. Richardson, *Attachment in middle childhood* (pp. 1-23). New York: Guilford Press.
- Medeiros, C., Gouveia, M. J., Canavarro, M. C., & Moreira, H. (2016). The indirect effect of the mindful parenting of mothers and fathers on the child's perceived well-being through the child's attachment to parents. *Mindfulness*, 7, pp. 916-927.
- Melby, J., & Conger, R. (2001). The Iowa family interaction rating scales: Instrument summary. Em P. K. Kerig, & K. M. Lindahl, *Family observational coding systems: Resources for systematic research* (pp. 33-57). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Meteyer, K. B., & Perry-Jenkins, M. (2009). Dyadic Parenting and Children's Externalizing Symptoms. *Family Relations*, 58, pp. 289-302.
- Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e Adolescente. (2018). *Violência contra Crianças e Adolescentes: análise de cenários e propostas de políticas públicas*. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos.
- Moreira, H., & Canavarro, M. C. (2015). *Psychometric properties of the Interpersonal Mindfulness in a sample of Portuguese mothers*. Unpublished manuscript.
- Moreira, H., Fonseca, A., & Canavarro, M. C. (2015). *Assessing attachment to parents and peers in middle childhood: Psychometric studies of the Portuguese version of People in My Life questionnaire*. Unpublished manuscript.
- Moretti, M., & Obsuth, I. (2009). Effectiveness of an attachment-focused manualized intervention for parents of teens at risk for aggressive behavior? The Connect Program. *Journal of Adolescence*, 32(6), pp. 1347-1357.
- Mothander, P. R., & Wang, M. (2014). Parental rearing, attachment, and social anxiety in Chinese adolescents. *Youth and Society*, 46(2), pp. 155-175.

- Muris, P., Meesters, C., & Berg, S. (2003). Internalizing and externalizing problems as correlates of self-reported attachment style and perceived parental rearing in normal adolescents. *Journal of child and family studies*, 2(12), pp. 171-183.
- Nanu, E. D., & Nijloveanu, D. M. (2015). Attachment and Parenting Styles. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 203, pp. 199-204.
- Nunes, S. A., Faraco, A. M., & Vieira, M. L. (2013). Attachment and parental practices as predictors of behavioral disorders in boys and girls. *Paidéia*, 23(56), pp. 369-378.
- Oliva, A., Parra, A., Sánchez-Queija, I., & López, F. (2007). Estilos educativos maternos y paternos: evaluación con el ajuste adolescente. *Anales de Psicología*, 23(1), pp. 49-56.
- Padovani, L. C., & Williams, L. C. (2011). Estilo parental de origem e ansiedade em homens com histórico de agressão à parceira. *Estudos de Psicologia*, 16(3), pp. 263-269.
- Pais-Ribeiro, J., Silva, I., Ferreira, T., Martins, A., Meneses, R., & Baltar, M. (2007). Validation study of a Portuguese versio of the Hospital Anxiety and Depression Scale. *Psychology, Health & Medicine*, 2, pp. 225-237.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano* (12 ed ed.). Porto Alegre: AMGH.
- Pereira, A. I., Canavarro, E. C., Cardoso, M. F., & Mendonça, D. (2009). Patterns of parental rearing styles and child behavior. *Journal of Child and Family Studies*, 18, pp. 454-464.
- Pinheiro, P. S. (2006). Violência contra crianças: informe mundial. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, pp. 1343-1350.
- Ramires, V. R., & Schneider, M. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, pp. 25-33.
- Reher, D. S. (1998). Family ties in western Europe: Persistent contrasts. *Population and Development Review*, 24(2), pp. 203-234.
- Reichman, N. E., Teitler, J. O., Garfinkel, I., & McLanahan, S. S. (2001). Fragile families: Sample and desegn. *Children and Youth Services Review*, 32, pp. 303-326.
- Rickel, A. U., & Biasatti, L. L. (1982). Modification of the block child-rearing practices report. *Journal of Clinical Psychology*, 38(1), pp. 331-344.
- Ridenour, T. A., Greenberg, M. T., & Cook, E. T. (2006). Structure and validity of People in My Life: a self-report measure of attachment in late childhood. *Journal of Youth and Adolescence*, 35, pp. 1037-1053.
- Rodriguez, M. M., Donovick, M. R., & Crowley, S. L. (2009). Parenting Styles in a Cultural Context: Observations of “Protective Parenting” in First-Generation Latinos. *Family Process*, 48(2), pp. 195-210.

- Roelofs, J., Meesters, C., Huurne, M., Bamelis, L., & Muris, P. (2006). On the links between attachment style, parental rearing behaviors and internalizing and externalizing problems in non-clinical children. *Journal of child and family studies*, 3(15), pp. 331-344.
- Sampaio, I. T., & Gomide, P. I. (2007). Inventário de estilos parentais (IEP) - Gomide (2006) percurso de padronização e normatização. *Psicologia Argumento*, 25(48), pp. 15-26.
- Sánchez, F. L. (2008). Evolución de los vínculos de apego en las relaciones familiares. Em M. J. Rodrigo, & J. Palacios, *Familia y desarrollo humano* (pp. 117-139). Madrid: Alianza Editorial.
- Sangawai, H., Adams, J., & Reissland, N. (2016). The impact of parenting styles on children developmental outcome: the role academic self-concept as a mediator. *International Journal of Psychology*. doi:10.1002/ijop.12380
- Shelton, K. K., Frick, P. J., & Wootton, J. (1996). Assessment of parenting practices in families of elementary school-age children. *Journal of Clinical Child Psychology*, 25(3), pp. 317-329.
- Sidman, M. (1989). *Coerção e suas implicações*. Campinas: Livro Pleno.
- Simões, S. C., Farate, C., Soares, I., & Duarte, J. (2013). Predição do Apego de Crianças em Função do Estilo Educativo Materno e do Tipo de Família. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), pp. 168-176.
- Skinner, B. F. (1953/2003). *Ciência e Comportamento Humano* (11 ed.). (R. A. João Carlos Todorov, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213, pp. 501-504.
- Skinner, B. F. (1990). The non-punitive society. *Japanese Journal of Behavior Analysis*, 5, pp. 98-106.
- Skinner, B. F. (1953/2003). *Ciência e Comportamento Humano* (11 ed.). (R. A. João Carlos Todorov, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1968). *The thecnology of teaching*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, E. A., Johnson, S., & Snyder, T. (2005). Six dimensions of parenting a motivacional model. *Parenting: Science and Pratices*, 5, pp. 175-235.
- Souza, H. T., & Tacla, T. L. (2015). Relação entre práticas parentais e habilidades sociais de crianças do ensino fudamental de escola pública. *Psicologia Argumento*, 33(80), pp. 255-269.
- Sroufe, L. A. (2002). From infant attachment to promotion of adolescent autonomy: prospective, longitudinal data on th role of parents i development. Em J. G. Borkowiski, S. L. Ramey, & M. Bristol-Power, *Parenting and the Child's World: influences on academic, intelectual and socioemotional development* (pp. 187-202). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

- Stewart, S. M., Bond, M. H., Kennard, B. D., Ho, L. M., & Zaman, R. M. (2002). Does the chinese construct of guan export to the west? *International Journal of Psychology, 37*, pp. 74-82.
- Straus, M. A. (1999). *Child-report, adult-recall, and sibling versions of the Revised Conflict Tactics Scales*. Durham, NC: Family Research Laboratory, University of New Hampshire.
- Tilton-Weaver, L., Kerr, M., Pakalniskeine, V., Tokic, A., Salihovic, S., & Stattin, H. (2010). Open up or close down: How do parental reactions affect youth information maagement? *Journal of Adolescence, 33*(2), pp. 333-346.
- Toni, P. M., Salvo, C. G., Marins, M. C., & Weber, L. N. (Jan-Jun de 2004). Etologia Humana: o exemplo do apego. *Psico-USF, 9*, pp. pp.99-104.
- Weber, L. N. (2017). Relações entre práticas educativas parentais percebidas e a autoestima, sinais de depressão e uso de substâncias por adolescentes. *INFAD (BARCELONA), 2*, pp. 157-168.
- Weber, L. N., & Cunha, J. M. (2006). Qualidade de interação familiar: uma análise da percepção de adolescentes sobre os conflitos em suas famílias. Em H. J. Guilhardi, & N. C. Aguirre, *Sobre Comportamento e Cognição: expondo a variabilidade* (Vol. 18, pp. 41-54). Santo André, SP: ESETec Editores Associados.
- Weber, L. N., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 17*(3), pp. 323-331.
- Weber, L. N., Selig, G. A., Bernardi, M. G., & Salvador, A. P. (2006). Continuidade dos estilos parentais através de gerações: transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia, 16*(35), pp. 407-414.
- Whittemore, R., & Knalf, K. (2005). The integrative review: update methodology. *Journal of Advanced Nursing, 52*(5), 546-553.
- Williams, S. M., & Talwar, V. (2011). Q-Sort method attachment. Em S. Goldstein, & J. A. Naglieri, *Encyclopedia of Child Behavior and Development*. Boston: Springer.
- Zimmer-Gembeck, M. J., Webb, H. J., Thomas, R., & Klag, S. (2015). A new measure of toddler parenting practices and associations with attachment and mothers sensitivity, competence, and enjoyment of parenting. *Early Child Development and Care, 185*(9), pp. 1422-1436.

APÊNDICES

Apêndice A

Catalogação das principais informações dos artigos selecionados

| | | | |
|---|--|--|--------------------------------------|
| Autores: Nunes, S. A. N.; Faraco, A. M. X. & Vieira, M. L. | | Ano: 2013 | País da Pesquisa: Brasil |
| Título: Attachment and Parental Practices as Predictors of Behavioral Disorders in Boys and Girls | | Journal: Paidéia | País da Publicação: Brasil |
| Participantes: 181 mães 289 crianças entre 9 e 13 anos (145 meninos e 144 meninas) | | Local de Recrutamento e/ou Execução da Pesquisa: Escola / casa dos participantes | |
| Delineamento: Transversal | | | |
| Objetivos: O estudo teve como objetivo investigar como dois sistemas parentais (apego e práticas parentais) interagem para prever problemas externalizantes e internalizantes em meninos e meninas com idades entre 9 e 13 anos. | | | |
| Hipóteses: A hipótese era de que as práticas parentais negativas predizem tanto comportamentos externalizantes quanto internalizantes entre meninas. Em geral, os resultados são menos claros em meninos, eles indicam que o apego é um preditor primário enquanto as práticas parentais são um preditor secundário de problemas internalizantes. | | | |
| Instrumentos: A qualidade do vínculo de apego foi acessada pela Security Scale (Kerns, Keplac e Cole, 1996). As práticas parentais foram acessadas pelo Child-Rearing Practices Report Questionnaire – CRPR (Questionário de Relato de Práticas de Criação) (Rickel e Biasatti, 1982). Os problemas de externalização e internalização foram acessados por meio de quatro subescalas do Child Behavior Checklist – CBCL (Lista de Verificação Comportamental para Crianças/Adolescentes 4 – 18 anos) (Achenbach, 1991). | | | |
| Resultados: Os resultados mostram especificidades de gênero em relação a externalização (agressividade e delinquência) e internalização (afastamento social e ansiedade / depressão). Para os meninos, um aumento nos níveis de agressividade e delinquência foi explicado pela percepção de que a mãe raramente está disponível, responsiva ou aberta para comunicação e oferece pouco apoio em tempos de estresse. Tal percepção de apego parece não ter impacto nos problemas externalizantes de meninas. Na verdade, é a qualidade das práticas parentais relatadas pelos cuidadores (neste caso, rejeição e controle comportamental) que parecem contribuir para a ocorrência de problemas desta natureza entre as meninas. Estes resultados confirmam parcialmente este estudo hipóteses primárias. | | | |
| Conclusões: Este estudo corrobora a justificativa de que meninos e meninas não só tendem a apresentar diferenças em relação à expressão de problemas comportamentais, mas também em relação aos processos envolvidos nesta expressão. Compreender as especificidades de gênero nas relações de apego, assim como a dinâmica das práticas parentais e seu impacto na manifestação de problemas comportamentais favorece e apoia a proposição de estratégias de intervenção mais operacionais e eficientes para as crianças e suas famílias. | | | |
| Limitações: Não avaliou o pai, nem a composição familiar | | | |

| | | |
|--|---|--------------------------------------|
| Autores: Simões, S. C. C.; Farate, C.; Soares, I. & Duarte, J. | Ano: 2013 | País da Pesquisa: Portugal |
| Título: Predição do Apego de Crianças em Função do Estilo Educativo Materno e do Tipo de Família | Journal: Psicologia: Reflexão e Crítica | País da Publicação: Brasil |
| Participantes: 288 mães de crianças com idades entre 7 e 11 anos, distribuídas em três grupos: Grupo 1 - 116 díades de famílias nucleares; Grupo 2 - 116 díades de famílias monoparentais cujos cuidadores são as mães; Grupo 3 - 56 díades de famílias reconstituídas, vivendo a criança com a mãe e com o padrasto | Local de Recrutamento e/ou Execução da Pesquisa: Não declarado | |
| Delineamento: Transversal | | |
| Objetivos: São objetivos deste estudo empírico: (a) avaliar a relação entre as percepções maternas dos estilos educativos e da qualidade do comportamento de apego dos filhos em idade escolar; (b) Verificar um modelo preditor da influência que o tipo de família e as dimensões do estilo educativo materno exercem sobre a segurança do comportamento de apego das crianças. | | |
| Hipóteses: A hipótese que são as dimensões afetivas do comportamento materno (suporte emocional e rejeição) as que têm uma maior influência na qualidade de apego da criança. | | |
| Instrumentos: A caracterização da criança e do contexto familiar foi feito por meio de um questionário psicossocial adaptado de Farate, Pocinho e Machado (2010). A percepção materna do estilo educativo materno foi avaliada por meio do <i>Egna Minnen Beräffande Uppfostran-P</i> (EMBU-P) versão portuguesa de Canavarro e Pereira (2007). A qualidade do comportamento de apego da criança foi avaliada por meio da Escala de Percepção Materna do Comportamento de Vinculação da Criança (PCV-M) de Dias, Soares e Freitas (2002). | | |
| Resultados: Os resultados indicam que, no que diz respeito à correlação entre estilos educativos parentais e comportamento de apego das crianças, as mães que providenciam maior suporte emocional aos seus filhos, identificam nos seus filhos um comportamento de apego mais seguro. Pode então dizer-se que, à percepção das mães de que prestam um bom suporte emocional, correspondem os filhos com menores dificuldades de autorregulação emocional, mais comportamentos de base-segura, maior partilha de afeto e, em síntese, com um comportamento de apego mais seguro. Por outro lado, as mães que percebem mais comportamentos de rejeição para com os seus filhos consideram que eles têm um comportamento de apego mais inseguro. A análise de regressão linear realizada permitiu ainda identificar que, de entre as dimensões da parentalidade avaliadas (suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo), a rejeição materna é o melhor preditor da insegurança dos comportamentos de apego das crianças em idade escolar. Sobre a tipologia familiar, o estudo indica que o tipo de família não é preditor dos comportamentos de apego das crianças em idade escolar, sugerindo que a tipologia familiar por si só não determina a qualidade do apego da criança. | | |
| Conclusões: Estes resultados dão robustez à noção segundo a qual um estilo educativo materno caracterizado pela presença de suporte emocional promove comportamentos de apego seguros na criança, exatamente porque fomenta o estabelecimento de uma relação afetiva entre a criança e o seu progenitor com elevados níveis de sensibilidade, aceitação e expressão de afeto | | |
| Limitações: Somente as mães participaram da pesquisa, dessa forma os estilos parentais foram declarados pela mãe e não pelas crianças. | | |

| | | | |
|---|--|---|--|
| Autores: Nanu, E. D & Nijloveanu, D. M. | | Ano: 2015 | País da Pesquisa: Romênia |
| Título: Attachment and Parenting Styles | | Journal: Procedia – Social and Behavioral Sciences | País da Publicação: Estados Unidos |
| Participantes: 74 pais (46 mulheres e 28 homens) com filhos entre 4 e 8 anos | | Local de Recrutamento e/ou Execução da Pesquisa: Não declarado | |
| Delineamento: Transversal | | | |
| Objetivos: O objetivo geral foi verificar se os tipos de apego adulto influenciam estilos parentais adotados. | | | |
| Hipóteses: <ul style="list-style-type: none"> • O apego seguro adulto está correlacionado positivamente com o estilo parental autoritativo. • O apego evitativo está correlacionado com o estilo parental autoritário. • O apego adulto ansioso é negativamente associado ao estilo parental permissivo. • O apego temível adulto se correlaciona positivamente com o estilo parental permissivo. | | | |
| Instrumentos: O apego foi acessado pelo <i>Adult Attachment Questionnaire</i> (Bartholomew & Horowitz, 1991) adaptado para a população romena. Os estilos parentais foram avaliados pelo <i>Parental Styles Questionnaire</i> , aparentemente, o instrumento foi elaborado pelos próprios pesquisadores | | | |
| Resultados: Esses resultados destacam o vínculo entre o tipo de apego adulto e o estilo parental cujos resultados sugerem que as experiências de apego segura com o parceiro, cuidar responsivo ao parceiro foi positivamente associado com estilos parentais autoritativos e negativamente associado a estilos parentais autoritários e permissivos. O apego evitativo e o ansioso foram associados a níveis mais baixos de cuidado responsivo, que por sua vez estavam associados a parentalidade e aumento da parentalidade autoritária e permissiva. | | | |
| Conclusões: Práticas parentais positivas exigem a capacidade de prestação de cuidados responsivos, e os requisitos para prestação de cuidados responsivos são as mesmas respostas a parceiros românticos adultos. Indivíduos ansiosos e evitativos têm diferentes estratégias de regulação de afeto que entram em operação quando sistema de apego é acionado. Pode ser difícil para uma pessoa com apego evitativo ou apego ansioso para oferecer um atendimento responsivo, comunicação adequada e exigência. | | | |
| Limitações: Não há informações a respeito da validação do instrumento | | | |

| | | | |
|---|--|---|------------------------------------|
| Autores: Infante, A. B. & Martínez, J. F. L. | | Ano: 2016 | País da Pesquisa: México |
| Título: Concepciones Sobre Crianza: el pensamiento de madres y padres de familia | | Journal: Liberabit | País da Publicação: Peru |
| Participantes: 40 participantes, sendo 34 mães e 6 pais com filhos em idade média de 8 anos. | | Local de Recrutamento e/ou Execução da Pesquisa: Escola primária da zona urbana de San Luis Potosí no México | |
| Delineamento: Transversal | | | |
| Objetivos: O presente estudo tem como objetivo avaliar as concepções que mães e pais de família mantêm sobre parentalidade, com a intenção de conhecer os princípios que apoiam seus modelos parentais, através de uma metodologia mista que permite a sua exploração e descrição. | | | |
| Hipóteses: Não declarada | | | |
| Instrumentos: A qualidade do apego foi avaliada por uma entrevista semi estruturada elaborada pelos pesquisadores. As práticas parentais foram acessadas pelo <i>Cuestionario Atribucional de Modelos Parentales</i> (Martínez, Salazar, & Infante, 2013). | | | |
| Resultados: Os resultados apontam que pais com um modelo parental negociador, o qual se aproxima do estilo parental autoritativo, têm filhos com vínculo de apego chamado <i>cercano</i> , o qual numa tradução livre significa estreito, próximo. | | | |
| Conclusões: Em relação apego próximo que são atribuídos às mães e pais neste estudo, é possível dizer que, embora neste estilo eles mostram afeição espontânea e frequente, há uma série de comportamentos entre os membros da família que leva a uma ligação saudável. As maneiras pelas quais se dá o apego entre os membros da família depende do contexto, do nível de desenvolvimento e experiências prévias de afeto entre seus membros. | | | |
| Limitações: Apenas os pais foram avaliados. | | | |

| | | |
|--|--|---------------------------------------|
| Autores: Gómez-Ortiz, O.; Del Rey, R.; Romera, E. M.; Ortega-Ruiz, R. | Ano: 2015 | País da Pesquisa: Espanha |
| Título: Los estilos educativos paterno y maternos em la adolescência y su relación com la resiliência, el apego y la implicación em acoso escolar | Journal: Anales de Psicología | País da Publicação: Espanha |
| Participantes: 626 adolescentes entre 12 e 18 anos (311 meninas e 315 meninos). | Local de Recrutamento e/ou Execução da Pesquisa: Escola | |
| Delineamento: Transversal | | |
| <p>Objetivos: Os objetivos desta pesquisa foram os seguintes:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Explorar as dimensões parentais avaliadas e seu agrupamento, a fim de estabelecer, se necessário, uma nova tipologia de estilos educacionais adaptada à realidade atual. 2) Analisar a relação entre os estilos educativos materno e paterno e a adaptação ou ajustamento psicossocial dos adolescentes, avaliados de acordo com o envolvimento no bullying escolar, o apego que desenvolvem em relação aos pais e mães e a capacidade de resiliência. 3) Examinar a relação entre a coerência entre o estilo educacional materno e paterno e o ajuste psicossocial dos adolescentes. | | |
| <p>Hipóteses: Com base em estudos anteriores, os pesquisadores formularam a hipótese de que haverá uma relação significativa entre a coerência dos estilos parentais entre mãe e pai e adolescente. Especificamente, pensou-se que os estilos democráticos (autoritativo) serão os que mais favorecem o ajustamento do adolescente, especialmente aqueles que têm baixo controle psicológico; e que os melhores resultados na adaptação psicossocial aparecerão nos jovens cujos pais são ambos democráticos.</p> | | |
| <p>Instrumentos: A implicação do Bullying se avaliou por meio do <i>European Bullying Intervention Project Questionnaire</i> (EBIPQ) de Brighi, et al. (2012). Os estilos educativos parentais foram avaliados pela <i>Escala para la evaluación del estilo educativo de padres y madres de adolescentes</i> (Oliva, Parra, Sánchez-Queija, & López, 2007). Para avaliar a resiliência foi usada a Escala de Resiliência de Connor e Davidson (2003). Para avaliar o apego foram usadas algumas escalas de uma versão reduzida da escala CaMir-R (Balluerka, Lacasa, Gorostiaga, Muela, & Pierrehumbert, 2011)</p> | | |
| <p>Resultados: As correlações os estilos educacionais da mãe e do pai indicaram que a maioria dessas dimensões estava significativamente relacionada às demais. Destaca, em sentido positivo, a relação entre afeto e comunicação, pró-desenvolvimento de autonomia, revelação e humor e a correlação entre controle comportamental e revelação, tudo em ambos os pais. Eles também se correlacionam significativamente, embora com baixos valores, controle comportamental com controle psicológico e humor e afeto e comunicação com controle comportamental, especialmente no caso da mãe. Por outro lado, a relação inversa entre controle psicológico, de um lado, e afetividade e comunicação, pró-desenvolvimento de autonomia e humor, de outro, tanto no pai quanto na mãe, sobressai. Não existe relação significativa entre controle psicológico e revelação em ambos os pais e entre promoção de autonomia e controle psicológico, no caso do pai.</p> <p>Os adolescentes com pais autoritativos com práticas parentais relacionadas à monitoria positiva obtiveram as menores pontuações na dimensão agressão e vitimização, em comparação com os adolescentes cujas mães foram categorizadas dentro dos outros estilos. Da mesma forma, o grupo de adolescentes com mães permissivas apresentou os menores escores em vitimização, comparado ao grupo de jovens com mães e pais com outros estilos.</p> <p>O apego seguro foi mais relacionado à pais com práticas parentais de monitoria positiva. O apego preocupado se mostrou relacionado à monitoria negativa. O apego desorganizado foi relacionado à permissividade e a maior resiliência foi relacionada à pais com práticas parentais positivas.</p> | | |

Conclusões: Os pesquisadores sentiram necessidade criar subcategorias relacionadas ao estilo parental democrático (autoritativo): controlador, supervisor, baixa revelação, moderado, indiferente e permissivo.

Os dados parecem sugerir que o estilo democrático supervisor, cujas práticas estão relacionadas a monitoria positiva, gera melhor ajuste socioemocional, pois se relacionam com menor agressão, vitimização e apego desorganizado, e uma maior resiliência, apego seguro e preocupado, comparado aos outros estilos. O estilo permissivo na mãe também tem sido relacionado ao bom ajustamento, por apresentar a menor média na dimensão vitimização, e menor pontuação no apego preocupado e desorganizado, comparado ao restante dos grupos. O pior ajuste, no entanto, observada em crianças de pais e mães e pais que adotam práticas negativas relacionadas à monitoria negativa e negligência, mostrando uma alta pontuação em agressão, vitimização e trauma de infância e uma pontuação baixa na resiliência e apego seguro.

Limitações: Este estudo apresenta algumas limitações quanto aos instrumentos de medida, amostra e delineamento. Os adolescentes participantes não compõem uma amostra representativa da população adolescente espanhola, portanto, em uma réplica deste trabalho, a amostra e sua representatividade devem ser ampliadas. Por outro lado, o uso de auto-relatos como instrumento de coleta de informações, ao oferecer a percepção subjetiva dos respondentes, exige ser prudente na afirmação das afirmações, pois não avalia diretamente os comportamentos familiares, mas a percepção filial sobre estilos educativos parentais. Além disso, a natureza transversal desta pesquisa impede o estabelecimento de relações causais, embora permita apontar a direção dessas relações.

| | | |
|--|---|--|
| Autores: Zimmer-Gembeck, M. J.; Webb, H. J.; Rae Thomas, R. Klag, S. | Ano: 2015 | País da Pesquisa: Austrália |
| Título: A new measure of toddler parenting practices and associations with attachment and mothers' sensitivity, competence, and enjoyment of parenting | Journal: Early Child Development and Care | País da Publicação: Estados Unidos |
| Participantes: 61 cuidadoras e seus filhos 37 meninos e 24 meninas com idade entre 12 e 35 meses. Das cuidadoras 95% eram mães biológicas e os outros 5% cuidadoras com e sem laços sanguíneos com a criança. | Local de Recrutamento e/ou Execução da Pesquisa: Clínica psicológica da universidade | |
| Delineamento: Transversal | | |
| Objetivos: (1) avaliar seis dimensões da parentalidade em uma nova medida para pais com filhos pequenos e (2) examinar a associação dessas dimensões com as observações em métodos de autorrelato. | | |
| Hipóteses: Mães de crianças com apego seguro reportariam mais afetividade, autonomia e apresentariam maior sensibilidade em comparação com crianças com apego inseguro. | | |
| Instrumentos: As práticas parentais foram avaliadas pelo <i>Parent as Social Context Questionnaire</i> (PSCQ) de (Skinner, Johnson, & Snyder, 2005). A sensibilidade e responsividade foi avaliada pela <i>Emotional Availability Scales</i> (Biringen, 2008). O apego infantil foi avaliado pelo <i>The Strange Situation Procedure</i> (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978). A auto estima em relação a parentalidade foi acessada pela <i>Parenting Sense of Competence Scale</i> (Johnston & Mash, 1989). O prazer em exercer a parentalidade foi acessada pela <i>Parent Perceptions of the Child Scale</i> (Fagot & Kavanagh, 1993). | | |
| Resultados: A hipótese de que práticas parentais mais positivas e menos negativas, especialmente mais afeto, apoio à autonomia e menos rejeição e coerção, seriam encontrados no grupo de apego seguro em comparação com outros grupos não encontrada. Contudo, encontrou-se associações da sensibilidade observada das mães com práticas parentais menos coercitivas. Estes resultados podem indicar que, embora a sensibilidade das mães esteja relacionada a práticas parentais em mães em situação de risco, a avaliação de comportamentos específicos de uma pessoa não pode explicar a variabilidade significativa na segurança do apego. | | |
| Conclusões: Os resultados deste estudo mostram que as práticas parentais negativas foram associados com menor sensibilidade observada entre mães de crianças. | | |
| Limitações: A associação entre a sensibilidade das mães e segurança de apego pode refletir um viés devido à variação do método compartilhado, crenças relatadas pela mãe sobre a paternidade e a segurança do apego são baseadas em métodos de avaliação. Ainda outra possibilidade é que as mães que entram em um programa de tratamento podem ter razões para não auto-relatar suas dificuldades parentais ou pode não ser tão precisas sobre seus comportamentos como outras mães, | | |

| | | | |
|---|--|---|--|
| Autores: Giannotta, F.; Ortega, E.; Stattin, H. | | Ano: 2013 | País da Pesquisa: Itália |
| Título: An Attachment Parenting Intervention to Prevent Adolescent Problem Behaviors: A Pilot Study in Italy | | Journal: Child Youth Care Forum | País da Publicação: Estados Unidos |
| Participantes: 44 mães no grupo de pesquisa e 66 mães no grupo controle | Local de Recrutamento e/ou Execução da Pesquisa: Escola | | |
| Delineamento: <i>Quasi</i> experimental com randomização | | | |
| Objetivos: O objetivo geral foi encontrar uma ferramenta potencialmente eficaz de prevenção de comportamento problema em adolescentes a ser implementada na Itália. O estudo teve dois objetivos específicos: a) avaliar a possibilidade de realizar uma avaliação científica do programa de intervenção Connect; b) avaliar mudanças nos comportamentos dos pais e dos filhos como resultado da participação no programa. | | | |
| Hipóteses: A hipótese de que o programa Connect aumentaria a eficácia percebida entre os pais e a satisfação na parentalidade, e diminuir as reações negativas dos pais para as crianças. Além disso, esperávamos uma diminuição problemas de conduta infantil, uso de substâncias e desvios. | | | |
| Instrumentos: Para medir a satisfação em relação ao programa foi usada a <i>Treatment Engagement and Client Satisfaction Scale</i> (Moretti & Obsuth, 2009). Para medir a auto estima em relação a parentalidade foi usada a <i>Parenting Sense of Competence Scale</i> (Johnston & Mash, 1989). Para avaliar o apego e os comportamentos problemas dos adolescentes foi usado o <i>The Eyberg Child Behavior Inventory</i> (Eyberg & Ross, Assessment of child-behavior problems: validation of a ney inventory, 1978). O grau de monitoramento dos pais foi medido pela <i>Parental Behavioral Control Scale</i> (Kerr & Stattin, 2000). A reação do pais diante de comportamentos inadequados dos filhos foram acessadas por três escalas denominadas <i>Attempted to understand, angry out burst, and coldness-rejection</i> (Tilton-Weaver, et al., 2010). O uso de álcool foi acessado usando três escalas do European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (EMCDDA) de Hibell, et al (2009). O uso de cigarros foi avaliado por uma pergunta simples “Alguma vez você já fumou cigarro? Nunca, uma vez ou mais de uma vez”. | | | |
| Resultados: Constatou-se que o programa era viável e muito bem recebido pelas mães italianas. O programa afetou os comportamentos de pais e filhos no curto prazo. Especificamente, mães no grupo de tratamento mostraram uma tendência à redução de suas reações de frieza e rejeição em comparação com as mães no grupo de controle. Os jovens do grupo de tratamento diminuíram sua frequência de consumo de álcool mais do que os jovens do grupo controle. | | | |
| Conclusões: Para concluir, este estudo sugere que educar os pais para serem mais sensíveis e empáticos às necessidades e solicitações dos adolescentes podem afetar positivamente os comportamentos, pelo menos a curto prazo. | | | |
| Limitações: Houve dificuldades significativas no recrutamento de pais. Isso é um problema, especialmente quando se trata de prevenção, pois a disposição dos pais em participar dos programas de intervenção é geralmente associada a níveis mais altos de educação, ou com percepções de benefícios de intervenção e da necessidade de um programa. Embora ambos os pais tivessem sido convidados, somente as mães participaram do programa. | | | |

| | | | |
|---|--|--|--|
| Autores: Mothander, P. R.; Wang, M. | | Ano: 2014 | País da Pesquisa: China |
| Título: Parental Rearing, Attachment, and Social Anxiety in Chinese Adolescents | | Journal: Youth & Society | País da Publicação: Estados Unidos |
| Participantes: 510 adolescentes de 12 a 20 anos (240 meninos e 270 meninas) | | Local de Recrutamento e/ou Execução da Pesquisa: Escola em Pequim | |
| Delineamento: Transversal | | | |
| Objetivos: O primeiro objetivo deste estudo foi explorar as associações entre percepções de criação parental e apego atual do adolescente para com o pai, a mãe e um par em uma amostra de adolescentes chineses. O segundo objetivo foi estudar as diferenças de idade e gênero nas percepções da criação, apego e ansiedade social dos pais. O terceiro objetivo era examinar se as percepções de criação e apego aos pais e pares foram capazes de prever ansiedade social na amostra investigada. | | | |
| Hipóteses: Não declaradas. | | | |
| Instrumentos: A percepção dos adolescentes sobre as práticas parentais foi avaliada pela <i>Egna Minnen Beträffande Uppfostran for Children (EMBU-C)</i> versão chinesa de Ma, Wang e Wang (1999). A qualidade do apego foi acessada pelo <i>The Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA)</i> (Armsden & Greenberg, 1987). A ansiedade social foi avaliada por <i>Social Anxiety Scale for Adolescents (SAS-A)</i> (La Greca & Lopez, 1998). | | | |
| Resultados: Os resultados apontaram uma correlação maior entre as práticas parentais e o apego aos pais do que apego aos pares, isso corrobora com resultados de estudos que afirmam que o apego aos pais se dá na interação dentro do ambiente familiar e que o apego aos pares está relacionado à interações fora do ambiente familiar. A rejeição parental foi fortemente relacionada ao apego ansioso, enquanto a afetividade foi relacionada ao apego seguro. Em relação ao gênero, os meninos relataram maior rejeição por parte do pai e maior superproteção por parte da mãe do que as meninas. Os resultados indicaram ainda que os meninos estão mais sujeitos à praticas parentais negativas do que as meninas e que as meninas apresentam maior relação de apego seguro com a mãe do que os meninos. Por fim, a rejeição parental foi associada à ansiedade social, mas o mesmo não aconteceu com a superproteção. | | | |
| Conclusões: Pode-se concluir que os adolescentes chineses da amostra, oriundos de uma área urbana em Pequim, não apresentam nível de ansiedade social diferente em comparação com adolescentes ocidentais. | | | |
| Limitações: Os instrumentos eram baseados no autorrelato dos adolescentes, os quais poderiam estar sujeitos às expectativas sociais. | | | |

| | | | |
|---|--|--|--|
| Autores: Malczyk, B. J.; Lawson, H. A. | | Ano: 2017 | País da Pesquisa: Estados Unidos |
| Título: Parental monitoring, the parent-child relationship and children's academic engagement in mother-headed single-parent families | | Journal: Children and Youth Services Review | País da Publicação: Estados Unidos |
| Participantes: 110 famílias monoparentais chefiadas por mulheres | | Local de Recrutamento e/ou Execução da Pesquisa: As famílias foram identificadas através de informações adquiridas de um banco de dados de pesquisa telefônica nacional. Usando o banco de dados, as famílias foram selecionadas aleatoriamente de setores censitários para garantir uma amostra diversa que combinava com a composição socioeconômica e racial da cidade | |
| Delineamento: Transversal | | | |
| Objetivos: Este estudo destina-se a examinar os processos familiares que podem influenciar o engajamento acadêmico de crianças de famílias monoparentais chefiadas pelas mães. | | | |
| Hipóteses: O apego influencia o monitoramento parental e a qualidade do relacionamento influencia o engajamento acadêmico dos filhos. | | | |
| Instrumentos: O grau de monitoramento das mães foi medido pela <i>Parental Behavioral Control Scale</i> (Kerr & Stattin, 2000). O apego foi medido usando uma compilação de três escalas do <i>The Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA)</i> (Armsden & Greenberg, 1987). Para medir o engajamento escolar foi utilizado o <i>School Engagement Measure (SEM)</i> (Fredricks, Blumenfeld, & Paris, 2004). O vídeo da interação entre a mãe e a criança foi analisado com base na <i>Iowa Family Interaction Rating Scale</i> (Melby & Conger, 2001). | | | |
| Resultados: Maiores níveis de monitoramento parental influenciaram significativamente o engajamento acadêmico. O monitoramento deve continuar a ser apoiado como uma das principais práticas parentais para influenciar positivamente o envolvimento acadêmico da criança. Ao controlar variáveis como o sexo, a raça, o nível de escolaridade e a renda da mãe, o apego não teve influência significativa no monitoramento. Isso vai contra a hipótese declarada e estudos anteriores que apontaram o apego fortemente correlacionado com a realização e engajamento. Por sua vez, níveis mais altos de qualidade de relacionamento previram significativamente níveis mais altos de engajamento acadêmico. | | | |
| Conclusões: Primeiro, as descobertas conectam claramente práticas parentais específicas e o relacionamento dos pais com o envolvimento escolar em famílias monoparentais chefiadas por mães. Em segundo lugar, os resultados destacam que nem todas as famílias monoparentais são igualmente desfavorecidas, indicando que a retórica nociva, orientada para o déficit, é mal direcionada. Finalmente, os resultados sugerem que os processos familiares podem ter mais relevância e impacto na criança do que a estrutura familiar, sugerindo a necessidade de um entendimento da dinâmica familiar, não apenas da estrutura familiar monoparental. | | | |
| Limitações: As conclusões devem ser consideradas à luz de um pequeno tamanho da amostra e da natureza exploratória desta pesquisa cuja causalidade não pode ser diretamente inferida. Finalmente, o tempo e a medida do apego podem ter levado a resultados contrários a pesquisas anteriores que sugeriam a importância do apego ao engajamento acadêmico do aluno. | | | |

| | | | |
|---|--|---|-----------------------------------|
| Autores: Keyser, D.;Ahn, H.;Unick, J. | | Ano: 2017 | País da Pesquisa: EUA |
| Título: Predictors of behavioral problems in young children 3 to 9 years old: The role of maternal and child factors | | Journal: Children and Youth Services Review | País da Publicação: EUA |
| Participantes: O estudo inclui uma amostra de 4898 crianças nascidas em áreas urbanas de 20 cidades nos Estados Unidos entre 1998e 2001. | | Local de Recrutamento e/ou Execução da Pesquisa: Os dados desse estudo foram retirados de um estudo longitudinal mais amplo chamado Fragile Families and Child Wellbeing Longitudinal Study (Reichman, Teitler, Garfinkel, & McLanahan, 2001). | |
| Delineamento: Longitudinal | | | |
| Objetivos: O objetivo deste estudo é avaliar os fatores de risco e potenciais preditores de bem-estar infantil de 3 a 9 anos em famílias em situação de vulnerabilidade. | | | |
| Hipóteses: Foram levantadas as seguintes hipóteses:(1) Características maternas incluindo mães com depressão maior, abuso físico em bebês e mães com maior estresse parental terão filhos com mais problemas de comportamento. (2) características da criança, incluindo crianças com menor capacidade cognitiva, crianças com apego inseguro, e as crianças envolvidas na assistência social infantil terão mais comportamentos problemas. (3) O estresse parental materno na idade3 terá um impacto decrescente nos problemas de comportamento infantil a partir do ano 3 para o ano 9, enquanto que a capacidade cognitiva das crianças e um apego seguro terá um impacto crescente sobre os problemas de comportamento infantil de ano 3 ao ano 9. | | | |
| Instrumentos: O comportamento das crianças foi avaliado por meio do CBCL (Achenbach & Rescorla, 2001). A depressão materna foi medida utilizando o CIDI-SF (Kessler, Andrews, Mroczek, Ustun, & Wittchen, 1998). O abuso físico em bebês foi acessado pelo relato verbal da mãe sobre ter ou não batido no filho nos primeiros 12 meses de vida dele. O estresse materno foi medido pelo Parenting Stress Index (Abidin, 1995) e pelo Child Development Supplement of the Panel Study of Income Dynamics (Hofferth, Davis-Kean, Davis, & Finkelstein, 1999).The Peabody Picture Vocabulary Test (PPVT) (Dunn & Dunn, 2007) foi usado para medir a vocabulário e a capacidade de comunicação das crianças. O apego foi avaliado pela Toddler Q Sort (Williams & Talwar, 2011). | | | |
| Resultados: Depressão materna e abuso físico em bebês com menos de 12 meses estão relacionados à escores mais altos no CBCL. Mães que costumam punir fisicamente os filhos podem não ter habilidades para construir o sistema regulatório da criança e podem interpretar mal comportamentos comuns ao desenvolvimento infantil, por exemplo, perceber o choro como forma de desafio. O estresse parental também foi associado a altos escores no CBCL em crianças de 3 anos. A hipótese de que estresse parental materno tem um impacto decrescente em problemas de comportamento infantil dos 3 aos 9 anos de idade foi confirmada. Isto pode se dar ao fato de que o nível de estresse parental mude conforme a criança vai crescendo e aumentando a sua capacidade cognitiva. A capacidade cognitiva das crianças e o apego seguiu a trajetória esperada de ter um aumento no impacto sobre os problemas de comportamento das crianças dos 3 aos 9 anos de idade. Crianças com 3 anos de idade com apego seguros são mais propensas a terem menos problemas de comportamento. Por outro lado, isso sugere crianças com apego inseguro aos 3 anos são especialmente vulneráveis a problemas de comportamento até a meia infância. | | | |
| Conclusões: Este estudo sugere que os problemas de comportamento das crianças não necessariamente melhoram ao longo do tempo, ao contrário, muitas vezes pode piorar, fazendo com que a intervenção deva ser realizada o quanto antes. | | | |
| Limitações: O modelo multinível não é capaz de determinar causalidade que é um desafio quando | | | |

se tenta examinar se estresse dos pais é um fator para as crianças desenvolverem mais problemas de comportamento ou se os problemas de comportamento da criança aumentam o estresse parental. Provavelmente há efeitos bidirecionais, que não são avaliados neste estudo.

| | | | |
|--|--|---|--|
| Autores: Gao, Y.; Atkinson-Sheppard, S.; Liu, X. | | Ano: 2017 | País da Pesquisa: China |
| Título: Prevalence and risk factors of child maltreatment among migrant families in China | | Journal: Child Abuse & Neglect | País da Publicação: Estados Unidos |
| Participantes: 1163 adolescentes (667 migrantes e 496 nativos locais) | | Local de Recrutamento e/ou Execução da Pesquisa: Quatro escolas de Shenzhen, uma grande cidade chinesa com uma grade população de migrantes oriundos da zona rural | |
| Delineamento: Transversal | | | |
| Objetivos: O objetivo desse estudo foi examinar fatores de risco no nível individual (comportamento delinquente e baixo desempenho acadêmico), nível familiar (baixa escolaridade dos pais, pobreza e baixo apego dos pais) e nível comunitário (ambiente social e comunitário) que podem colocar crianças migrantes na China em alto risco de maus-tratos. | | | |
| Hipóteses: | | | |
| Instrumentos: A performance acadêmica foi avaliada pela Educational Goal Blockage Scale (Cheung & Cheung, 2010). A delinquência juvenil foi avaliada por meio de um instrumento do National Youth Survey (Elliot & Ageton, 1980). O apego foi avaliado pela Parental Attachment Subscale (Chapple, McQuillan, & Berdahl, 2005). O nível de risco da comunidade foi avaliado pela Neighborhood Disorganization (Goodnight, et al., 2011). Para avaliar os maus tratos foi utilizada a Parent-Child Conflict Tactics Scale (Straus, 1999). | | | |
| Resultados: O estudo demonstrou que o baixo apego aos pais aumentou significativamente o maltrato físico e a agressão psicológica entre adolescentes migrantes e locais. Adolescentes migrantes com baixo desempenho acadêmico e comportamento delinquente, e vivendo em famílias pobres, apresentavam maior risco de maus-tratos físicos e psicológicos, enquanto adolescentes locais com baixo desempenho acadêmico e economia familiar pobre apresentavam maior risco de serem abusadas fisicamente por seus pais. O fraco desempenho acadêmico aumentou significativamente os maus-tratos físicos entre os adolescentes migrantes e locais, indicando que os pais de adolescentes tendem a usar o castigo corporal para disciplinar seus filhos com baixo desempenho acadêmico. A adversidade econômica familiar foi um importante preditor de agressão psicológica entre adolescentes migrantes e de agressão física entre os migrantes e os adolescentes locais. A pobreza, que pode resultar em altos níveis de estresse e baixo apoio social, pode levar os pais a usarem práticas violentas para educarem seus filhos. Vale ressaltar que o baixo desempenho acadêmico e a tensão econômica familiar apenas aumentaram a probabilidade de agressão psicológica entre os adolescentes migrantes, enquanto os dois fatores de risco não foram relacionados à agressão psicológica entre os adolescentes locais. Os pais locais podem usar práticas parentais positivas para encorajar seus filhos, e raramente usam disciplinas psicologicamente agressivas como rejeitar, degradar, aterrorizar ou isolar para lidar com o baixo desempenho acadêmico e o estresse de seus filhos, resultado de uma economia familiar pobre. Além disso, a delinquência foi associada à agressão física e psicológica entre os adolescentes migrantes, enquanto não foi significativamente relacionado a agressão psicossocial ou abuso físico entre adolescentes locais, indicando que os pais de estudantes locais podem usar práticas mais racionais e educadas para lidar com os problemas de conduta de seus filhos em comparação com os pais migrantes. | | | |
| Conclusões: Este estudo demonstrou que os maus-tratos infantis por parte dos pais são um problema grave e comum em famílias migrantes e locais urbanas na China. É importante ressaltar que os adolescentes migrantes vivem em situações mais desfavorecidas e têm maior risco de maus- | | | |

tratos do que seus colegas locais.

Limitações: O estudo não comparou as práticas parentais dos pais migrantes com as práticas dos pais locais.

| | | |
|---|---|--|
| Autores: Medeiros, C.; Gouveia, M. J.; Canavarro, M. C.; Moreira, H. | Ano: 2016 | País da Pesquisa: Portugal |
| Título: The Indirect Effect of the Mindful Parenting of Mothers and Fathers on the Child's Perceived Well-Being Through the Child's Attachment to Parents | Journal: Mindfulness | País da Publicação: Estados Unidos |
| Participantes: 243 tríades familiares composta por mãe, pai e uma criança entre 8 e 12 anos ou um adolescente entre 13 e 19 anos. | Local de Recrutamento e/ou Execução da Pesquisa: Escolas da região norte e central de Portugal | |
| Delineamento: Transversal | | |
| Objetivos: Este estudo tem dois objetivos principais. Primeiro, pretende explorar as diferenças na parentalidade consciente entre mães e pais de crianças e adolescentes. Em segundo lugar, o presente estudo pretende investigar se a parentalidade consciente de ambos os pais está associada com o bem-estar da criança e se esta associação é explicada pela percepção da criança sobre a segurança do apego a seus pais. Além disso, examinou-se a idade da criança modera as associações diretas e indiretas no modelo. | | |
| Hipóteses: Baseado em pesquisas anteriores, espera-se níveis mais elevados de parentalidade consciente entre mães. Com base na investigação anterior, esperamos níveis mais altos de parentalidade consciente a ser associado com a percepção de uma relação de apego mais segura aos pais, que por sua vez espera-se que esteja relacionado a níveis mais elevados de bem-estar da criança. | | |
| Instrumentos: Para avaliar as práticas parentais foi utilizada a versão portuguesa do Interpersonal Mindfulness in Parenting Scale (IM-P) (Duncan, 2007; Moreira & Canavarro, Psychometric properties of the Interpersonal Mindfulness in a sample of Portuguese mothers, 2015). A saúde mental dos pais em relação à depressão e ansiedade foi avaliada por meio da versão portuguesa da Hospital Anxiety and Depression Scale (HADS) de Pais-Ribeiro, et al. (2007). O apego aos pais foi avaliado por meio da versão portuguesa do questionário denominado People in My Life (Moreira, Fonseca, & Canavarro, 2015; Ridenour, Greenberg, & Cook, 2006). A percepção da criança/adolescente sobre seu bem-estar foi avaliada pelo KIDSCREEN-10 index (Matos, Gaspar, & Simões, 2012). | | |
| Resultados: Como esperado, as mães apresentaram níveis mais elevados de parentalidade consciente do que pais em todas as faixas etárias. De acordo com nossa hipótese, a percepção da criança sobre a segurança no relacionamento com seus pais foi positivamente relacionada à parentalidade consciente e ao bem-estar da criança. | | |
| Conclusões: Parentalidade consciente é uma abordagem parental que tem os principais ingredientes que promovem o desenvolvimento de apego seguro em crianças. Pais relatando níveis mais altos de atenção estão mais presentes nas interações pai-filho, e como resultado, eles tendem a adotar uma postura menos reativa e ser mais atento, disponível e consistentemente responsivo às necessidades do seu filho. Além disso, eles tendem a ser mais cuidadosos e compassivos para com seus filhos. Essa atitude parental pode, portanto, facilitar e promover o desenvolvimento de um relacionamento de apego seguro porque as crianças provavelmente sabem que seus cuidadores estão disponíveis para fornecer proteção e apoio quando necessário. Por sua vez, essas expectativas positivas de disponibilidade, sensibilidade e responsividade podem ter um impacto positivo sobre o bem-estar da criança. | | |
| Limitações: Primeiro, o desenho transversal do estudo não permite o estabelecimento de relações causais entre as variáveis. Em segundo lugar, a representatividade da amostra não pode ser garantida porque crianças e adolescentes foram recrutadas apenas de unidades de três escolas, duas | | |

delas na região central de Portugal e outra na região norte do país. Em terceiro lugar, a maioria dos pais só completou o ensino secundário, com alguns dos participantes relatando a conclusão de maior Educação. Dado que os níveis educacionais dos pais se mostraram correlacionados com o bem-estar da criança, seria relevante para estudos futuros incluir um número maior de participantes com ensino superior. Quarto, a validade dos nossos resultados pode ser comprometida porque foi utilizado apenas instrumentos de autorrelato, que podem ser influenciados por fatores de desejabilidade social e não refletem de maneira confiável. Finalmente, devemos notar que o instrumento de avaliação do apego avalia o apego de uma criança a ambos os pais simultaneamente, o que pode ser uma limitação, porque não distingue eventuais diferenças nos padrões de apego de cada pai.

| | | | |
|--|---|--|--|
| Autores: Cyr, M; Pasalich, D. S.; McMahon, R. J.; Spieker, S. J. | | Ano: 2014 | País da Pesquisa: Estados Unidos |
| Título: The Longitudinal Link Between Parenting and Child Aggression: The Moderating Effect of Attachment Security | | Journal: Child Psychiatry & Human Development | País da Publicação: Estados Unidos |
| Participantes: 115 díades de mães e crianças | Local de Recrutamento e/ou Execução da Pesquisa: Escolas, serviço social e clínicas de saúde | | |
| Delineamento: Longitudinal | | | |
| Objetivos: Investigar o potencial efeito moderador do apego seguro infantil na associação entre diferentes variáveis parentais (autoeficácia, parentalidade positiva e crítica) e agressividade infantil em uma amostra de filhos de mães adolescentes com alto risco de desenvolver problemas precoce de conduta. | | | |
| Hipóteses: O efeito moderador do apego está associado à uma diminuição da agressão infantil | | | |
| Instrumentos: O apego foi avaliado por meio do <i>The Strange Situation Procedure</i> (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978). As práticas parentais maternas foram avaliadas utilizando o <i>The Parent-Child Interaction Task</i> (PACT) (Eyberg & Robinson, 1983). A autoeficácia materna foi medida pela <i>Parenting Sense of Competence Scale</i> (PSOC) (Johnston & Mash, 1989). A agressividade infantil foi medida pelo CBCL (Achenbach, 1991). | | | |
| Resultados: Primeiro, os resultados não revelaram correlações significativas entre qualquer uma das variáveis parentais medidas na pré-escola e agressão infantil. Isto está em divergência direta com um corpo substancial de pesquisa sugerindo forte ligação preditiva entre práticas parentais (tanto positivas e negativas) e problemas de conduta infantil. No entanto, a magnitude das correlações entre as variáveis parentais (autoeficácia e parentalidade positiva) e agressividade infantil estavam na direção esperada. Em segundo lugar, o apego inseguro estava significativamente relacionado a maior agressividade infantil, o que é consistente com um corpo substancial de pesquisas sugerindo que a segurança do apego desempenha um papel no desenvolvimento de problemas de conduta em crianças. Em terceiro lugar, os resultados das análises de regressão demonstraram que a segurança do apego infantil moderou a associação entre a crítica materna e a posterior agressividade infantil. Taxas mais altas de críticas maternas na pré-escola significativamente previu taxas mais altas de agressão no 1º ano entre crianças que haviam sido classificadas com apego inseguro na primeira infância. Em contraste, a exposição à crítica materna em pré-escola não prevê significativamente a agressividade posterior entre as crianças classificadas com apego seguro. | | | |
| Conclusões: Os resultados fornecem suporte adicional para uma conceituação mais ampla de apego, que postula que a segurança do apego pode exercer sua influência no desenvolvimento de problemas conduta infantil, fornecendo o contexto em que os fatores de risco operaram. Isto é, o | | | |

apego pode fornecer uma perspectiva através da qual as crianças percebem aspectos negativos da parentalidade.

Nesta perspectiva, segue-se que, crianças com apego seguro podem ser menos vulneráveis aos prejudiciais efeitos de práticas parentais negativas como críticas severas porque essas crianças têm uma base mais forte de emocionalidade positiva e capacidade de resposta mútua com seus cuidadores. Crianças inseguras, em contraste, são mais propensas a ver a consideração positiva de seus cuidadores e atenção às suas necessidades como menos confiáveis e, portanto, possivelmente mais suscetível aos efeitos negativos da crítica expressa pelos seus cuidadores.

Limitações: O estudo avaliou o apego de forma dicotômica (seguro/inseguro), poderia também ter avaliado o apego desorganizado.

Apêndice B

Lista dos instrumentos utilizados nas pesquisas dos artigos selecionados

Instrumentos para avaliar as práticas parentais

- The Parental Behavioral Control Scale (Kerr & Stattin, 2000).
- Egna Minnen Besträffande Uppfostran, versão chinesa (Ma, Wang, & Wang, 1999) e versão portuguesa (Canavarro & Pereira, 2007).
- Child-Rearing Practices Report Questionnaire revisado por Rickel e Biasatti (1982).
- Parental Styles Questionnaire (Nanu & Nijloveanu, 2015).
- Cuestionário Atribucional de Modelos Parentales (Martínez, Salazar, & Infante, 2013).
- Escala para la evaluación del estilo educativo de padres y madres de adolescentes (Oliva, Parra, Sánchez-Queija, & López, 2007).
- Parent as Social Context Questionnaire (PSCQ) de (Skinner, Johnson, & Snyder, 2005).
- Attempted to understand, angry outburst, and coldness-rejection (Tilton-Weaver, et al., 2010).
- Parent-Child Conflict Tactics Scale (Straus, 1999).
- Interpersonal Mindfulness in Parenting Scale (IM-P) (Duncan, 2007; Moreira & Canavarro, 2015).
- The Parent–Child Interaction Task (PICT) (Eyberg & Robinson, 1983).
- Parenting Sense of Competence Scale (Johnston & Mash, 1989).

Instrumentos para avaliar o apego

- The Strange Situation Procedure (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978).

- The Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA) (Armsden & Greenberg, 1987).
- Security Scale (de Kerns, Keplac e Cole (1996).
- Escala de Percepção Materna do Comportamento de Vinculação da Criança (PCV-M) de Dias, Soares e Freitas (2002).
- Adult Attachment Questionnaire (Bartholomew & Horowitz, 1991).
- Entrevista semiestruturada (Infante & Martínez, 2016).
- Versão reduzida da escala CaMir-R (Balluerka, Lacasa, Gorostiaga, Muela, & Pierrehumbert, 2011).
- Toddler Q Sort (Williams & Talwar, 2011).
- Parental Attachment Subscale (Chapple, McQuillan, & Berdahl, 2005).
- People in My Life (Moreira, Fonseca, & Canavarro, 2015; Ridenour, Greenberg, & Cook, 2006).

Instrumentos utilizados para avaliar outras variáveis relacionadas ao comportamento dos filhos

- Child Behavior Check List – CBCL (Achenbach, 1991).
- European Bullying Intervention Project Questionnaire (EBIPQ) de Brighi, et al. (2012).
- Escala de Resiliência de Connor e Davidson (2003).
- The Eyberg Child Behavior Inventory (Eyberg & Ross, 1978).
- European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (EMCDDA) (Hibell, et al., 2009).
- Social Anxiety Scale for Adolescents (SAS-A) (La Greca & Lopez, 1998).
- School Engagement Measure (SEM) (Fredricks, Blumenfeld, & Paris, 2004).
- The Peabody Picture Vocabulary Test (PPVT) (Dunn & Dunn, 2007).

- Educational Goal Blockage Scale (Cheung & Cheung, 2010).
- National Youth Survey (Elliot & Ageton, 1980).
- KIDSCREEN-10 index (Matos, Gaspar, & Simões, 2012).

Instrumentos utilizados para avaliar outras variáveis relacionadas ao comportamento dos pais

- Parenting Sense of Competence Scale (Johnston & Mash, 1989).
- Emotional Availability Scales (Biringen, 2008).
- Parent Perceptions of the Child Scale (Fagot & Kavanagh, 1993).
- Iowa Family Interaction Rating Scale (Melby & Conger, 2001).
- CIDI-SF (Kessler, Andrews, Mroczek, Ustun, & Wittchen, 1998).
- Adaptação de Parenting Stress Index (Abidin, 1995) e Child Development Supplement of the Panel Study of Income Dynamics (Hofferth, Davis-Kean, Davis, & Finkelstein, 1999).
- Hospital Anxiety and Depression Scale (HADS) de Pais-Ribeiro, et al. (2007).